



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Zé do Caixão – A falsa subversão

Fabiano Pereira Lourenço Soares

Rio de Janeiro

2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

## Zé do Caixão – A falsa subversão

Monografia submetida à Banca de Graduação como  
requisito para obtenção do diploma de Comunicação  
Social - Jornalismo.

Fabiano Pereira Lourenço Soares

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2009

**Título: Zé do Caixão – A falsa subversão**

Autoria: Fabiano Pereira Lourenço Soares

Monografia submetida à Banca de Graduação como requisito para obtenção do diploma de Comunicação Social - Jornalismo.

Aprovado por:

---

Orientador, Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho – UFRJ

---

Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral – UFRJ

---

Prof. Dr. Maurício Lissovsky – UFRJ

RIO DE JANEIRO  
Dezembro de 2009

Agradeço inicialmente aos meus pais, mostrando de cara o meu conformismo a essa sociedade, que valoriza a família, essa instituição falida! Tudo bem, eu me rendo: menos a minha! Sou muito grato a toda a força que vocês me deram para chegar até aqui;

À Luciana, que acompanhou todo o processo e toda a minha loucura durante o estudo. E que muito me perturbou para que eu terminasse a monografia! É também causa da minha monogamia, mostrando mais uma vez minha submissão à estrutura social. Você e meus pais destroem minha fama de mau;

A todos que me ajudaram com livros, idéias, papos, suporte, etc. Professores e amigos. Em especial agradeço Albino e Taiane: obrigado pelo capital cultural de vocês;

Dinho Cláudio, por me iniciar desde pequeno nos filmes de terror! E por me ajudar num momento crítico da monografia;

A todos os familiares e amigos não citados, mas que fazem parte de minha vida e me ajudam a passar um tempo agradável no mundo.

SOARES, Fabiano. *Zé do Caixão – A falsa subversão*. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho. Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

## RESUMO

O trabalho apresenta uma análise da trilogia do Zé do Caixão, apontando os elementos de resistência e os de conformismo, e mostra que o personagem maldito e blasfêmico do cinema nacional é usado pelo seu criador, José Mojica, de forma a reforçar a moral e as crenças questionadas pelo personagem. O estudo reúne as obras: *À Meia-Noite Levarei sua Alma*, de 1963; *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver*, de 1967; e *A Encarnação do Demônio*, de 2008. Os três filmes dirigidos por José Mojica Marins, o intérprete e criador de Zé do Caixão. Há ainda uma comparação entre criador e personagem, utilizando-se da biografia de Mojica e da representação que ele faz de si próprio, diferenciando-se de Zé do Caixão, em outros filmes seus.

## SUMÁRIO

### **1 – Introdução**

### **2 – Zé do Caixão e seus instrumentos**

2.1 – Zé do ‘Kitschão’, *Camp* e *Trash*

2.2 – O grotesco de Mojica

### **3 – José Mojica Marins X Zé do Caixão**

3.1 – José Mojica Marins?

3.2 – José Mojica Marins

3.3 – Zé do Caixão

3.4 - Os “Zés”, as mulheres e as crianças

### **4 – Análise da Trilogia de Zé do Caixão**

4.1 - À Meia-Noite Levarei Sua Alma

4.1.1 - Religiões e elementos populares brasileiros em “À Meia-Noite...”

4.1.2 – Papel feminino e patriarcalismo em “À Meia-Noite...”

4.1.3 – Crítica Social em “À Meia-Noite...”

4.2 – Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver

4.2.1 – Religiões e elementos populares brasileiros em “Esta Noite...”

4.2.2 – Papel Feminino e patriarcalismo em “Esta Noite...”

4.2.3 – Crítica Social em “Esta Noite...”

4.3 – A Encarnação do Demônio

4.3.1 – Religiões e elementos brasileirosem “A Encarnação...”

4.3.2 - Papel Feminino e patriarcalismo em “A Encarnação...”

4.3.3 – Crítica Social em “A Encarnação...”

### **5 – Conclusão**

### **6 – Referência Bibliográfica**

### **7 – Referência Filmográfica**

**Anexo** – Entrevista Exclusiva

## 1 – Introdução

Dificilmente alguém no Brasil nunca ouviu falar de Zé do Caixão, o homem que anda vestido todo de preto e aparece vez ou outra na televisão, falando engraçado; alguns conhecem seus filmes de terror. Mas um número bem inferior ao dos que conhecem Zé do Caixão, conhece José Mojica Marins, diretor de filmes, criador e ator que encarna o agente funerário. Pois enquanto Zé do Caixão vai para a TV rogar uma praga para o público, José Mojica é um homem religioso e que acredita em diversas superstições, inclusive tem receios de usar a praga de seu personagem antes de viagens<sup>1</sup>. Essa diferenciação é apenas porque, por causa das unhas e da vestimenta (Mojica gosta de se vestir de preto), há uma grande confusão entre ator e personagem, e embora haja semelhanças entre os dois, é a diferença que mais interessa para esse trabalho<sup>2</sup>.

Mojica, católico, aprendeu desde cedo a desenvolver uma linguagem cinematográfica rústica, primitiva; gostou de suas brincadeiras, levou a sério e passou a viver do cinema. O personagem que lhe deu fama foi Zé do Caixão, um agente funerário descrente, blasfêmico e que, ironicamente, é interpretado pelo próprio Mojica. Embora Zé do Caixão apresentasse críticas destrutivas ao cristianismo e à moral vigente, Mojica, no final, fazia o personagem afirmar tudo o que ele negava durante o filme. O que parecia ser contracultura em certos aspectos, mostrava-se como defensor do *status quo*, reafirmando valores dominantes e negando as desconstruções e desnaturalizações feitas pelo protagonista. No entanto, como o cinema de Mojica não manteve a popularidade que o personagem tem até hoje, principalmente pelas aparições na televisão, a representação de Zé do Caixão no imaginário popular é de ligação com satanismo, com o oculto, pois além do aspecto sombrio dele, as pragas rogadas por Zé do Caixão mexem sempre com a morte, o inferno e o “mal”.

Esse estudo visa analisar a trilogia do Zé do Caixão, com os filmes “À Meia-Noite Levarei Sua Alma” (1963), “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver” (1967), e “A Encarnação do Demônio” (2008), procurando apontar os pontos de resistência ao sistema, e os pontos de conformismo e afirmação do mesmo. Para não haver uma fuga do objetivo principal, foram escolhidos três temas para analisar os filmes, procurando desenvolver um estudo multicultural mais abrangente, com os temas mais recorrentes e mais importantes nessa trilogia. Essa divisão foi feita porque embora os filmes

---

<sup>1</sup> Mojica recusou-se a rogar uma praga para o autor, já que no dia seguinte à entrevista, ele estaria pegando um avião para o Recife. MOJICA, 2008.

<sup>2</sup> A fama de “maldito” de Mojica, vem da confusão por ele interpretar Zé do Caixão, o personagem blasfêmico.

mostrem-se impregnados de representações que reforçam a ideologia de sua época, eles também apresentam pontos de questionamento social, como o poder do povo unido contra um opressor aristocrata<sup>3</sup>. Os temas escolhidos são: religiões e elementos populares brasileiros; papel feminino e patriarcalismo; e crítica social. Será considerado o que estiver presente nos filmes, dentro desses temas, para traçar os pontos conservadores e os pontos de ruptura com os padrões sociais de sua época.

Na parte das religiões e elementos populares brasileiros, será analisado tudo o que tem forte representação do Brasil, principalmente no imaginário popular, o que é facilmente identificado nos filmes de Mojica, que trabalha muito com estereótipos. Superstições muito difundidas no Brasil, cenas do cotidiano de cidades interioranas<sup>4</sup>, e o povo oprimido; são todos impressos na tela de uma forma que a identidade nacional do filme destaque-se. Quanto às religiões, serão analisados símbolos, simbolismos e significados pertencentes às religiões mais populares no Brasil: o cristianismo e as religiões afro-brasileiras, umbanda e candomblé<sup>5</sup>. Por não ter estudado as religiões afro-brasileiras, apenas saber pelo que assistia na infância, Mojica trabalha mais uma vez com o imaginário popular e o estereótipo na representação dessas religiões. Quanto ao cristianismo, religião com mais referências nos filmes, pode-se dizer que a repetição dos ataques a essa religião são para reforçá-la no final, mostrando que sendo um bom cristão, a pessoa obterá sua vingança contra quem lhe fez mal na vida terrena.

O machismo exagerado de Zé do Caixão e as mulheres de seus filmes mostram o patriarcalismo enraizado na sociedade. Através de cenas em que a mulher é mostrada como ser incapaz de se defender sozinho, submissa, violentada ou mesmo como objeto sexual, será analisado o papel dado à mulher nos seus filmes. A apoderação do corpo da mulher por Zé do Caixão é absurda, ainda mais quando sustentadas pelos argumentos do protagonista; e embora o personagem, que representa o “Mal”, seja punido no final, sua punição não parece ser por esse motivo: além do seu criador, José Mojica, ter pontos de convergência com Zé do Caixão quando o assunto é mulher, o machismo não está somente no protagonista, mas em muitos outros personagens dos filmes.

---

<sup>3</sup> Zé do Caixão, além de possuir e ostentar um certo dinheiro que o faz viver comodamente nos filmes (exceto em “A Encarnação do Demônio”, quando vai viver em uma favela”, após 40 anos preso), dá uma importância à linhagem, ao “sangue”, característica aristocrática.

<sup>4</sup> Os filmes que mostram o lado rural ao redor do mundo (principalmente nos EUA e na Itália) são predominantemente do gênero *western*, também conhecidos como “*bang-bang*”, e Mojica foge desse modelo ianque.

<sup>5</sup> As representações da umbanda e do candomblé são misturadas muitas vezes, e acaba sendo uma representação genérica das religiões afro-brasileiras. O sincretismo religioso (mistura com o cristianismo), característica da umbanda, dificulta ainda mais uma separação exata nesse tema.



E se nos dois temas acima descritos, a característica principal é o conformismo de Mojica, a crítica social é o único no qual encontramos resistência: a união do povo oprimido contra seu opressor, a importância que Zé dá, em seu último filme, às desigualdades e injustiças sociais, e seus antagonistas; aqui encontramos uma subversão real<sup>6</sup> nos filmes de Mojica, que não será derrubada por ele mesmo no final da película.

Embora não tenha sido feito um estudo de recepção, para saber qual a impressão das pessoas sobre os filmes de Mojica nos quais está presente Zé do Caixão, nesse primeiro momento não é necessário, pois o trabalho é focado na produção de sentido do emissor, no caso, Mojica. E para entender um pouco mais dessa produção de sentido, a biografia de Mojica foi utilizada como fonte de análise do pensamento do diretor e dos fatos que viriam ser imitados em seus filmes; para esclarecer alguns pontos que não ficam muito claros em sua biografia, e confirmar algumas suposições, foi feita uma entrevista exclusiva, cedida ao autor em 2008, que está transcrita na íntegra, como anexo desse estudo.

Uma característica essencial de Mojica que foi analisada separadamente do capítulo da trilogia, por ser mais um apelo visual, um elemento alienante, do que como algo possível de promover uma reflexão crítica dos filmes, de acordo com o tema proposto, é o grotesco. Embora o grotesco chocante de Mojica seja um ataque ao “bom gosto”, promovendo um mal-estar ao mostrar imagens destoantes da estética aceita socialmente, muitas cenas que mostram o grotesco o fazem de forma gratuita, sem um significado interessante para contribuir com a análise. Foi separado então um tópico em um capítulo, apenas para falar de grotesco, que é algo importante quando se estuda o cinema de Mojica, e apenas algumas cenas são comentadas, na apresentação dos filmes, em seus respectivos tópicos.

Um fator decisivo para a escolha desse tema para estudo foi a insatisfação, como produtor audiovisual, de assistir a diversos filmes *trash* com uma estética visual perturbadora, porém, conteúdo textual conservador. Não é algo novo o uso do grotesco sob a influência do cristianismo, pois Victor Hugo já o havia feito em sua época (PAIVA & SODRÉ, 2002); mas se a sociedade já cria diversas instituições para validar-se, é na cultura que deve-se agir para obter maior eficácia na luta contra os valores dominantes.

---

<sup>6</sup> Isso depende também do tipo de leitura feita dos filmes. Como diz Hall, há a leitura dominante e a leitura de resistência. Nessa última, o público apropria-se das partes de desordem social e moral como sendo principais, ignorando o restabelecimento da lei, da ordem e da moral vigentes. (HALL, 1980 apud KELLNER, 2001: 57)

Esse poder de influenciar até mesmo a arte, que deveria ser livre, é o que representa a ideologia (CHAUÍ, 2008).

A primeira parte dessa monografia (capítulo 2) é onde está exposto o objetivo principal desse estudo, mostrar que Mojica é quase um cordeiro em pele de lobo, devido a seu conservadorismo, e por ele ser o intérprete de Zé do Caixão; nesse capítulo também são expostos os conceitos de *kitsch*, *thrash* e *camp*, embora não esse último não seja tão importante, visto que não é dada ênfase à recepção alternativa, com construção de sentido diferente do público *mainstream*; e algumas definições de grotesco, característica marcante da obra de Mojica. Na segunda unidade (capítulo 3), é mostrado um pouco da biografia de José Mojica, destacando as diferenças e semelhanças entre Mojica e Zé do Caixão, e apontando fatos da vida de Mojica que o influenciaram no cinema, anos mais tarde, e a junção entre o personagem e o ator. Após isso, as análises dos três filmes separadamente, com tópicos separados para cada tema também, para que não siga a cronologia dos roteiros, e sim uma seqüência por assunto (capítulo 4). A conclusão (capítulo 5) mostra o resultado da análise, comparando com o objetivo da pesquisa, e aponta para futuros trabalhos.

Sejam bem-vindos ao estranho mundo de Zé do Caixão.

## 2 – Zé do Caixão e seus Instrumentos

José Mojica Marins, criador e ator que encarnou o personagem Zé do Caixão, sempre foi uma das figuras mais injustiçadas pela obra cinematográfica que deixou. Autodidata e influenciador direto do *udigrudi* da Boca do Lixo<sup>7</sup>, raramente foi lembrado no Brasil como cineasta. Mas diferente dos filmes *udigrudi*, com conteúdo mais contestador, ligado à contracultura, os filmes de Zé do Caixão falseiam-na: têm como protagonista um personagem subversivo, que ataca as crenças da população e principalmente a moral do cristianismo, e não pensa duas vezes antes de matar inocentes, caso eles se metam em seu caminho; no entanto, embora haja a vingança do povo oprimido, a oposição com as autoridades, representando insatisfação com uma parte da estrutura social, a punição sempre busca reforçar o moralismo de sua época, e o sexismo é demonstrado durante todos os filmes. A prisão de Mojica ao maniqueísmo cristão, uma representação ridícula da vitória do “Bem” contra o “Mal”, aliado a seus pensamentos machistas, minimizam seu lado contestador<sup>8</sup>. Embora Zé do Caixão apareça em outros filmes de Mojica, esse estudo focará sua atenção na trilogia de Zé do Caixão: “À Meia-Noite Levarei Sua Alma” (1963); “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver” (1967); e “A Encarnação do Demônio” (2008).

### 2.1-Zé do ‘Kitschão’, Camp e Trash

O cinema de José Mojica Marins começou a fazer sucesso com o surgimento do personagem Zé do Caixão. O personagem, uma junção de elementos obscuros que o faziam a personificação do “Mal”, no entanto, nunca tem um final feliz quando apresentado como si mesmo<sup>9</sup>. Nesse tópico falaremos de três conceitos com grande ligação ao cinema de Mojica: *kitsch*, *camp*, e *trash*.

E são os elementos obscuros, escolhidos, segundo Mojica, de forma aleatória, que dão um ar *kitsch* a ele. A mistura de uma capa preta com uma cartola de mesma cor, ambos signos de elegância e poder, e combinados sempre com roupas pretas (exceto nos velórios), poderia fazer de Josefel Zanatas um galã. Mas o ambiente rural, o fato de o personagem ser um agente funerário e o fato de José Mojica não ter o padrão de beleza

<sup>7</sup> Cinema marginal paulista, contando com nomes como Recihenbach, Sganzerla, João Callegaro e outros. Buscava ir contra o modelo hollywoodiano de filmes, buscando influências de filmes B e inovando na linguagem estética: muito mais anarquista e suja.

<sup>8</sup> A fama de “maldito” de Mojica, no entanto, vem da confusão por ele interpretar Zé do Caixão, o personagem blasfêmico.

<sup>9</sup> Em outros filmes com referências a Zé do Caixão, como quando Mojica interpreta o professor Oãxiac Odéz, referência clara ao personagem, a história tem um final feliz para ele. Mas como Zé do Caixão, sempre ocorrem tragédias para atrapalhá-lo.

da época (e mesmo assim, abusar das caretas nas cenas de “sedução”), transformam a elegância em piada: o gótico interiorano.

O *kitsch*, certas horas, parece misturar-se com o grotesco. Em alguns pontos, realmente se cruzam, devido à pouca rigidez na conceituação. Segundo Abraham Moles, o conceito de *kitsch* não chega a ser definido, por ter vários pontos de vista (MOLES, 1972), mas dentre as definições que se encaixam com o *Zé do Caixão*, pode-se citar o “princípio de inadequação”, quando “existe um desvio em qualquer aspecto ou objeto (...) em relação à função que se supõe deverá cumprir”, como é o caso da Cartola e da capa preta; o “princípio de acumulação”, pela mistura de terror, sensualidade, religiosidade e outros elementos dificilmente vistos juntos; e finalmente, o “princípio do meio-termo”, quando o objeto “fica a meio caminho do novo, opondo-se à vanguarda, e permanecendo, essencialmente, uma arte de massa” (MOLES, 1972: 71). Esse último princípio justifica-se porque, embora seja o primeiro filme de terror brasileiro, e tenha sido inovador, pois usava elementos da cultura popular para aterrorizar, a linearidade do roteiro e o castigo no final para *Zé do Caixão* faz grande parte do público receber bem as histórias.

A capa preta em filmes de terror lembra de imediato o personagem do Conde Drácula, aristocrata que se alimentava do sangue dos camponeses. *Zé do Caixão*, embora mostre que possui dinheiro, destoa da imagem elegante do vampiro, pois tem um comportamento debochado, vulgar; sem mencionar o fato de que ele trabalha como agente funerário; a capa preta perde seu sentido. A cartola, adorno que representa o poder, não tinha motivo para ser usada, senão para mostrar *status*. A utilização desses elementos apenas esteticamente, fugindo de seu contexto e sem funcionalidade alguma, configura o *kitsch* no personagem.

No entanto, o *kitsch*, significa também uma falsa arte (ECO, 1976), e nesse sentido, não poderia deixar de citar as divagações e questionamentos de *Zé do Caixão*. Frases que tentam causar um impacto, têm algo que tenta passar-se por questionamento filosófico existencial, mas que não passa de uma oposição fraca, utilizando-se quase sempre da dualidade Vida e Morte. No primeiro filme, “À meia-noite levarei sua alma”, o início é o seguinte: “O que é a vida? É o princípio da morte. O que é a morte? É o fim da vida. O que é a existência? É a continuidade do sangue! O que é o sangue? É a razão da existência!”<sup>10</sup>. Já no segundo filme, “Esta noite encarnarei no teu cadáver”, a frase

<sup>10</sup> “A Meia-Noite Levarei Sua Alma”, 1963, de José Mojica Marins. Esse questionamento volta a aparecer no terceiro filme da trilogia, tamanha a importância para Mojica. “A Encarnação do Demônio” não deixa

inicial é: “É a vida o tudo, e a morte o nada? Ou é a vida o nada, e a morte o tudo?”. O que aparentemente deveria trazer reflexões, por tratar-se de um questionamento, arranca risos das platéias.

Essa ligação com o *kitsch*, ainda mais em um filme de terror, ajuda a classificá-lo como *trash*, vertente de filmes cuja apreciação deve-se ao fato de ser notavelmente ruim, ou que sai dos padrões morais vigentes<sup>11</sup>. Mayka Castellano define os produtos do *trash*:

Um produto pode ser considerado *trash* devido ao seu amadorismo ou ao fato de ser considerado ‘horrível’, o que passa por um julgamento estético pessoal. Normalmente, são associados a termos como ‘tosco’, ‘brega’, ou tornam-se engraçados através de uma peculiaridade, amiúde associada à má-qualidade técnica ou à discrepância das normas do bom gosto. A questão fundamental é que o consumo não corresponda à fruição feita pelo público *mainstream*. (CASTELLANO, 2006: 10)

Os filmes de Mojica, embora feitos com pouco dinheiro, não podem ser considerados totalmente ruins do ponto de vista técnico, pois sua criatividade fê-lo solucionar muitos problemas. O filme “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver”, de Mojica, mostra uma coruja empalhada como se tivesse vida, o que pode ser considerado *trash*. Mas o filme “O Conde Drácula”, dos estúdios Hammer, maior produtora de filmes de terror do Reino Unido, produzido em 1970, ou seja, 3 anos após a citada obra de Mojica, mostra um morcego de brinquedo, que aparece o filme inteiro, motivo de risos não esperados pelos produtores (um comportamento *campy*, que veremos a seguir). Levando em consideração que Mojica não tinha para fazer o seu filme o dinheiro empregado no filme da Hammer, e contextualizando, em uma época em que mesmo produtoras de maior porte não tinham soluções para esses problemas, vemos que Mojica não está tão atrasado no gênero do terror.

Sendo assim, desde a caracterização física de Zé do Caixão até a psicológica, além de cenas que abusam de violência e erotismo, não deixam dúvidas de que as “normas do bom gosto”, considerando a época e o senso comum, não foram seguidas por Mojica. Logo, fica claro que, a ligação de Zé do Caixão com o *trash* faz-se por essa última opção, pelo mau gosto. O escárnio com que trata da morte, a zombaria com os

---

isso de lado, mas ameniza um pouco: Zé do Caixão não faz mais monólogos com o espectador, mas usa seus coadjuvantes para responderem a suas perguntas.

<sup>11</sup> Embora contenha cenas de mau gosto, e fuja do padrão moral de fruição, não necessariamente a mensagem passada pelo filme será subversiva, podendo, muitas vezes, reforçar a moral vigente.

dias santos, a busca do mórbido; Zé do Caixão é opróprio grotesco, mostra-se fora dos padrões e com uma frieza para fazer a maldade. É a representação do *Black Metal*<sup>12</sup> antes mesmo da existência desse estilo, mas com uma sonoridade diferente.

Mesmo projetos bem idealizados, por falta de recursos, como já citado acima, ou pelos elementos estranhos, que beiram de vez em quando o surrealismo, apresentam muitas vezes uma comicidade não esperada, fazendo do filme um produto *trash*. No filme “Esta noite encarnarei no teu cadáver”, Zé do Caixão, nos momentos de clímax, pega um pequeno objeto que reproduz a música “Tico-tico no Fubá”. Uma das partes mais *nonsense* é quando ele, ao se confrontar com jagunços que querem matá-lo, coloca o objeto próximo ao ouvido e começa a ouvir a música, enquanto seus inimigos morrem caindo no pântano. A trilha sonora do sadismo insano de Zé do Caixão ser uma música tão inocente e calma é um elemento *trash* do filme.

Já o *camp* é uma sensibilidade descompromissada e despolitizada de se fruir de produtos culturais (SONTAG, 1987). É muito comum o *campy* decodificar a obra de maneira diferente da esperada pelo artista / autor, e algo pretensamente sério, mas esteticamente ruim, o *campy* admira de um modo zombeteiro. Como exemplos já citados, tem o morcego de brinquedo do filme “Conde Drácula”, a coruja empalhada do filme de Mojica, e as frases pseudo-intelectuais de Zé do Caixão no início dos filmes. Por existir vários tipos de *trash*, é difícil relacionar o *camp* com ele, de maneira rígida: há os produtos *trash* involuntários, que são feitos com seriedade, mas de tão *kitsch* que são, classifica-se como tal; e o *trash* consciente, no qual aceita-se o gênero e busca explorar as possibilidades dessa categoria. Nesse último caso, o *camp* está presente desde a produção até a recepção do produto. Já o *kitsch*, muitas vezes, por este tentar passar-se por alta cultura, é consumido como se fosse realmente algo sério. Pessoas com menor instrução artística tendem a consumir um produto *kitsch*<sup>13</sup> como arte, o que não impede que pessoas com visão *camp* divirtam-se com ele, exatamente pelo humor involuntário.

---

<sup>12</sup> Subcultura vinda de um estilo musical, vertente do Heavy Metal, que difere-se deste por ser cantado com uma voz gutural e por ter letras que falam de satanismo e blasfêmias contra religiões, principalmente contra o Cristianismo. Os adeptos do Black Metal geralmente se vestem de preto, alguns usando sobretudo e *spikes* (braceletes de couro com espinhos falsos ou mesmo pregos colados nele). É constante entre essa tribo o uso de camisas de bandas do gênero, com imagens blasfêmicas, de morte e sofrimento.

<sup>13</sup> Nesse caso não está sendo discutido quando um diretor de filme utiliza-se de elementos *kitsch* conscientemente para dar uma característica desejada a seu filme, mas sim quando há uma pretensão de arte, sem um conteúdo equivalente.

## 2.2- O Grotesco de Mojica

No caso supracitado como *kitsch*, da cartola e capa preta, usadas por um agente funerário, o grotesco também está presente, e se dá pelo fato de conter deslocamentos de sentido (PAIVA & SODRÉ, 2002), mas nem de longe é a única presença do grotesco nos filmes de Mojica. Devido ao fato de não ter apenas uma definição, o conceito de grotesco é bem abrangente, e devem ser esclarecidos os significados mais importantes para analisar os filmes de Zé do Caixão. Sobre tal conceito, uma definição de Muniz Sodré e Raquel Paiva parece abranger uma boa parte dos tipos de grotesco:

O comum (...) é a figura do rebaixamento (chamado de bathos, na retórica clássica), operado por uma combinação insólita e exasperada de elementos heterogêneos, com referência freqüente a deslocamentos escandalosos de sentido, situações absurdas, animalidade, partes baixas do corpo, fezes e dejetos - por isso, tida como fenômeno de **desarmonia do gosto** ou *disgusto*, como preferem estetas italianos - que atravessa as épocas e as diversas conformações culturais, suscitando um mesmo padrão de reações: riso, horror, espanto, repulsa. (PAIVA & SODRÉ, 2002: 17)

O importante, no momento, é mostrar a parte do grotesco que interessa a essa análise, e recorro novamente a Sodré e Paiva, para mais significados que a palavra "grotesco" ganhou com o passar dos tempos, “em geral associados ao desvio de uma norma expressiva dominante, seja referente a costumes, seja referente a convenções culturais” (PAIVA & SODRÉ, 2002: 31). Com essa definição, fica claro o porquê de grotesco ser uma palavra tão adequada para falar de Zé do Caixão. O personagem sempre nega convenções sociais, religiosas.

Mas o grotesco de Mojica não é usado para criticar o bom gosto ou para trazer uma reflexão, é espetacularizador; diferencia-se do grotesco popular a que se refere Bakhtin, quando o povo usa do riso sarcástico e das grosserias blasfêmicas para fazer sua crítica, e assim, renovar e regenerar sua crença (BAKHTIN, 1993); as blasfêmias de Zé do Caixão têm seu potencial crítico negado, pois o final do filme afirma o sobrenatural e as crenças, não havendo proposta de reflexão ou renovação da crença satirizada, apenas o reforço da mesma. E pode-se afirmar que a principal forma do grotesco na obra de Mojica é o que Raquel Paiva e Muniz Sodré definiram como o grotesco chocante:

Seja escatológico ou teratológico, quando voltado apenas para a provocação superficial de um choque perceptivo, geralmente com intenções sensacionalistas, o fenômeno pode ser classificado como “grotesco chocante”. (PAIVA & SODRÉ, 2002: 69)

Está dentro dessa definição o estado putrefato dos corpos das vítimas de Zé do Caixão; o riso nervoso do espectador nas cenas mais angustiantes; a diversão mórbida mostrada pelo personagem; seus atos animais e instintivos e muitos outros exemplos que definem os filmes de Zé do Caixão como grotesco<sup>14</sup>. Além disso, o ajudante de Zé do Caixão, Bruno, é corcunda e tem o rosto deformado, sem que isso seja utilizado com algum fim para a construção do personagem, mais um elemento grotesco que tem seu fim apenas visual.

O excesso do grotesco chocante, buscando uma espetacularização da violência e das bizarrices mundanas, mostra uma despolitização no conteúdo dos filmes, chamando a atenção mais pelo seu conjunto imagético do que pelo texto. Essa apelação visual pode ter ajudado a reforçar a fama de “maldito” do diretor<sup>15</sup>, já que a mensagem da vitória do “Bem” é ofuscada por muitos acontecimentos que parecem anunciar a vitória do “Mal”. O grotesco chocante pode tornar-se ruído para a mensagem positiva que o diretor gostaria de passar; mas o foco desse estudo não é a produção de sentido na recepção do filme pelos espectadores, e sim a intenção de quem fez o filme.

---

<sup>14</sup> Nesse caso, mais uma vez, José Mojica Marins e Zé do Caixão misturam-se, pois o grotesco está também presente nos filmes do cineasta que não tinham Zé do Caixão como protagonista. O exemplo mais radical é o filme “24 Horas de Sexo Explícito”, de 1985, onde Mojica colocou a atriz Vânia Bournier para transar com um cachorro pastor alemão. Essa foi a primeira cena de zoofilia hardcore feita no Brasil.

<sup>15</sup> Mais tarde Mojica se aproveitaria disso e passaria a agregar a sua vida cada vez mais fatos duvidosos que mexiam com superstições do povo.



### 3 – José Mojica Marins X Zé do Caixão

Essa parte da monografia foi baseada em grande parte na biografia de José Mojica Marins, o livro “Maldito – A vida e o cinema de José Mojica Marins, o Zé do Caixão”, de Ivan Finotti e André Barcinski. Há também comentários do próprio Mojica, em entrevista exclusiva, e a representação de Mojica nos filmes em que Zé do Caixão aparece sem ser o protagonista, opondo-se ao diretor; Mojica cria uma figura muito diferente da realidade para representá-lo.

O personagem que Mojica criou, o Zé do Caixão, subverte a muitas normas sociais, valores, gostos e comportamento padrão, zomba dos mortos, das religiões (principalmente o cristianismo) e qualquer tipo de crença existente (como no sobrenatural, por exemplo). No entanto, o final de seus filmes é sempre trágico para ele, e faz com que tudo o que ele dizia não existir, exista; as forças que ele ridicularizava, voltam-se contra ele e o derrotam; o personagem sempre tem o seu castigo.

José Mojica Marins não esconde que é católico, e assim sendo, surge a questão de o quão marginal é o cinema de José Mojica Marins, já que o anti-herói é sempre punido por quebrar regras e valores dominantes. Se por um lado Mojica faz cenas em que o desrespeito à Igreja, às autoridades do Estado e aos padrões pequeno-burgueses da sociedade mostram uma simpatia à contracultura, dar um triste fim a quem transgrediu as regras é o que deseja os defensores da ideologia vigente. Além do mais, Zé do Caixão é machista e patriarcalista, respeitando essa regra social (tanto na época do primeiro filme quanto agora), e é um dos pontos de semelhança entre o personagem e seu criador, como será mostrado a seguir. Mas Zé do Caixão é mais extremo: violência, estupro e morte de mulheres, tudo isso na escolha do ventre perfeito para seu filho (uma idéia que encontra paralelo com o nazismo e a superioridade genética).

Outra característica que chamava a atenção de quem via um filme de Zé do Caixão, era o contexto em que se encontrava: homem que morava na cidade pequena do Brasil, vê macumba, música brasileira. Os elementos populares estão sempre presentes em Zé do Caixão, e ao cercar seu filme com essa brasilidade, opõe-se à cultura hollywoodiana do cinema. Zé do Caixão mostra um pouco da cultura brasileira; as pessoas que o temem são pessoas simples, pobres, enquanto ele mostra o poder e

esbanja dinheiro quando quer; mas não é o homem de negócios engravatado de Wall Street. Mojica fala disso no documentário “O Universo de Mojica Marins”<sup>16</sup>:

“Porque Zé do Caixão é brasileiro. Zé do Caixão é Zé, não é mister, não é Stanik, não é Steven, não... Zé do Caixão é Zé. É nosso, é caboclo! Isso é importante. Zé do Caixão é uma criação brasileira.”<sup>17</sup>

Misturando crítica social e reafirmação do *status quo*, com um personagem com características nazistas, patriarcais, anti-religioso, contra as autoridades oficiais, e com elementos brasileiros em seu filme, Mojica fez de Zé do Caixão um personagem provocador: com seus atos de desrespeito, chamava a atenção das pessoas, acostumadas com o comportamento padrão. Como bem definem os autores de sua biografia, André Barcinski e Ivan Finotti:

Zé do Caixão zomba não só dos mortos, mas também do ‘povo do mato’, que, na verdade, é o próprio povo de Mojica, o público-alvo de seu filme. Mojica, afinal, fazia cinema para o lumpen-proletariado, para seus vizinhos do Brás, da Vila Anastácio e da Casa verde, para os motocristas de ônibus, operários e faxineiras que freqüentavam sua escola. Ele conhecia sua gente a fundo e sabia que a melhor maneira de atingi-los seria cutucar sua religiosidade, desrespeitar os mortos, fazer pouco caso de suas crenças, ou seja, contrariar os conceitos mais elementares da bondade humana e desafiar o conservadorismo cristão da massa.” (BARCINSKY & FINOTTI, 1998: 124)

### 3.1 - José Mojica Marins?

José Mojica Marins é o maior diretor de filmes de terror no Brasil, e também um mito. Embora tenha suma importância no cinema nacional, tendo influenciado diretores do cinema marginal, seu nome não é reconhecido logo de início por grande parte dos brasileiros; mas seu personagem é um ícone *pop* da TV no Brasil. Trata-se do criador (e *performer*) de Zé do Caixão.

Famoso pelo sucesso no cinema, virou ícone no final dos anos 60, sempre ligando seu personagem, Zé do Caixão, à sua carreira como diretor, José Mojica Marins. Mas problemas com a Ditadura militar no Brasil, que interditava seus filmes, fizeram

<sup>16</sup> Documentário de Ivan Cardoso, famoso diretor de filmes de “terror” brasileiro, ligado ao cinema marginal.

<sup>17</sup> “O Universo de Mojica Marins”, de 1978. De Ivan Cardoso.

com que usasse desse seu personagem principal para ganhar dinheiro como animador de festas, bingos, etc., sem definir uma distinção entre criador e criatura.<sup>18</sup>

Já nas décadas de 80 e 90<sup>19</sup>, por ir a programas popularescos, apenas como seu alter-ego, Zé do Caixão, o personagem com vestimenta esquisita e unhas enormes, José Mojica Marins passou a fazer cada vez mais parte do imaginário popular. No entanto, sua carreira de cineasta, muito bem sucedida nos anos 60, não estava mais presente na memória do grande público brasileiro, e o reconhecimento no cinema ficou somente no exterior.

Mas é importante conhecer a história do diretor, para entendermos melhor a idéia de seus filmes, pois, como será mostrado, muito da vida de José Mojica Marins foi passado para o Zé do Caixão, ou diferenças entre os dois, principalmente no que diz respeito à crença de Mojica, causa dos finais trágicos para seu personagem “maldito”.

### 3.2 – José Mojica Marins

Nascido em São Paulo, filho dos espanhóis Antônio Marins e Carmen Mojica, José Mojica Marins já nasce mexendo com a superstição popular: nasceu em 13 de março de 1936, uma sexta-feira 13. Sua infância foi em Vila Anastácio, um bairro simples de São Paulo, mas o pai era gerente de um cinema, e morava nos fundos; o pequeno Mojica cresceu assistindo a filmes, e embora não soubesse informações técnicas dos filmes (não sabia nomes de diretores, roteiristas, etc.), adquiriu grande conhecimento cinematográfico no cinema do pai.

Aos 9 anos, costumava andar fantasiado pelas ruas da vila: fantasiava-se de índio, caubói, astronauta, e claro, de Drácula, uma forte inspiração para ele. E não demorou a mostrar sua veia artística, montando peças com marionetes e se voluntariando a dirigir “Chapeuzinho Vermelho” para uma peça teatral no colégio. E foi nessa peça que ele teve sua primeira desilusão com a arte: uma aluna, filha do dono da mercearia, subornou a classe com paçocas e cocadas, e foi eleita a atriz principal pela turma. Mojica, irritado, teve que aceitar, e diante da incapacidade da aluna de gritar na

---

<sup>18</sup> Essa preocupação em separar o personagem e o cineasta surge como tema do filme “Exorcismo Negro”, de 1974, e aparece nos filmes “Ritual dos Sádicos”, de 1970, e “Delírios de Um Anormal”, de 1978. A representação que Mojica faz dele mesmo é sempre como um intelectual interessado em parapsicologia. Uma cena de “Exorcismo Negro” mostra-o vencendo no xadrez, passando assim uma imagem de pessoa inteligente.

<sup>19</sup> Em 1983, José Mojica foi ao programa Viva a Noite, apresentado por Gugu Liberato, cortar suas unhas ao vivo. Cortou todas as unhas, que eram realmente enormes, e chorou bastante. Vídeo disponível: [www.youtube.com/watch?v=vwep-t2aFcA](http://www.youtube.com/watch?v=vwep-t2aFcA)

cena em que o Lobo encontra a Chapeuzinho, o pequeno diretor levou uma lagartixa no ensaio seguinte, e tacou no cabelo da garota. Foi suspenso por uma semana, mas começava aí um de seus marcos como diretor de cinema: a obsessão de fazer cenas com animais medonhos ou nojentos interagindo com as atrizes.

Uma outra influência conseguida um pouco mais tarde, aos 11 anos, foi do sobrenatural: ele e sua turminha do bairro (que eram chamados de malucos pelos outros jovens) reuniam-se à noite, para contar histórias de almas penadas, lobisomens e outros fatos sobrenaturais. E na mesma época, pelo grande número de terreiros de macumba presentes na região, José Mojica costumava subir em árvores nesses terreiros, para ver rituais de macumba, com pais-de-santo e pombas-giras. A macumba, elemento muito forte da cultura brasileira, estaria sempre presente em seus filmes mais tarde. Além disso, seus pais eram católicos, mas freqüentavam um centro espírita, e esse sincretismo religioso é percebido nos seus filmes.

Mojica era filho único, e os pais, Antônio e Carmen, procuraram sempre agradá-lo. Com isso, ele ganhou sua primeira câmera fotográfica aos 11 anos, quando passou a fazer teatrinho animado com as fotos; e aos 12, ganhou sua primeira câmera 8 milímetros. Agora, ele e sua turma filmavam cenas cotidianas do bairro, e exibiam no porão do cinema. Mais tarde, Mojica teve a sacada do processo de montagem dos filmes, e sem possibilidade de editar seu material, filmava as cenas na seqüência que desejava, e alternando os ângulos da visão, para simular uma edição.

José Mojica e sua turma gravaram vários curtas no bairro, alguns com narrativa, e segundo Barcinski e Finotti, o primeiro que pode ser considerado filme é “O Juízo Final”, de 1949 (BARCINSKI & FINOTTI, 1998). Em entrevista exclusiva, ele fala sobre esse filme:

Eu fiz “Juízo Final”, aonde acho que daí nasceria os tais dos “caixão”, porque tipo, o que eu pus de disco era caixão voando. Os “caixão voava” e conforme eles “vinha” assim, eles mandavam a luz para baixo e a pessoa que era boa... desaparecia. Era como se fosse realmente para um outro mundo, e os “ruim” ficavam “parado”, era num jantar, num pique-nique, num salão de baile. Os maus ficavam petrificados. E aí iam apodrecendo, virando vermes. (...) Aí eu quis fazer essa fita pra ver se sensibilizava o padre. Mas ele ficou assim quando terminou, tava seis cadeiras, se levantou, e eu fui todo assim, dando interpretação de inocente e falei “é agora... meus 15 minutos de fama”. Aí ele me pôs a mão na cabeça, e eu falei: “Deus do céu! O homem gostou demais.” Mas aí ele voltou pro meu pai e falou: “Seu

Antônio, seu filho é um débil mental!” (MOJICA, 2008)

O grupo comprou uma câmera 16 milímetros, os integrantes mataram as galinhas do pai de um membro para que o galinheiro se tornasse o estúdio deles. Foi nesse contexto que filmaram “A Encruzilhada da Perdição e Feitiçaria”, “um documentário sobre um centro espírita na Vila Anastácio, que pode ser considerado o primeiro filme de horror de Mojica” (BARCINSKI & FINOTTI, 1998: 49). A temática da religião e a feitiçaria fazia-se presente no cinema de Mojica.

Mojica montou uma companhia de cinema, onde daria aulas de interpretação aos alunos, e com o dinheiro, financiaria seus filmes, além de chamar seus alunos para atuar, não precisando assim pagar atores. Para ganhar mais credibilidade, em uma entrevista ao “Última Hora” de São Paulo, aumentou sua idade em 7 anos; apenas uma de muitas mentiras que viriam a tornar sua biografia mais agitada.

Em 1953 largou a escola, na 5ª série. A importância desse fato é que a falta de cultura formal de Mojica o levou a ser duramente criticado pelo resto da vida, por seus graves e famosos erros de português: Mojica não usa plural em suas frases e tem dificuldade para falar certas palavras com a letra “L” no meio. No *making of* “A Encarnação do Demônio”<sup>20</sup>, Mojica explica essa dificuldade:

“Eu encontro aqueles ‘pobrema’ do som direto porque eu sou como o Hortelino Troca-Letra, né? Eu troco o ‘R’ pelo ‘L’ e engulo quase todos os p... prurais né? O ‘S’ comigo é bem difícil, então, quando tenho que ter a coisa no plural, eu tenho que frisar o tal do ‘S’ que desaparece.”<sup>21</sup>

Na década de 50, como mestre da “Escola de Cinema Apolo” e mais tarde, “Atlas”, Mojica tentou fazer diversos filmes, com dinheiro arrecadado dos alunos. Ou não conseguia dinheiro suficiente para finalizar a fita, ou aconteciam acidentes que impossibilitavam continuar gravando (como a morte de uma das atrizes em “Sentença de Deus”). A verdade é que Mojica tentou de tudo: drama, *bang-bang*, e no início dos anos 60, até um musical infantil. Desses, apenas o *bang-bang* teve alguma repercussão

<sup>20</sup> Primeiro filme com o personagem Zé do Caixão com o som sendo captado direto. Os outros eram todos dublados.

<sup>21</sup> MOJICA, 2007. Making Of “A Encarnação do Demônio”. No mesmo *making of*, Mojica aparece irritado quando corrigido no meio de uma cena, por não falar o plural corretamente.

positiva. Era hora de acertar a mão, ou não conseguiria mais colaboração para produzir seus filmes.

Após o fracasso de “Meu Destino em Tuas Mãos”, o musical infantil, feito para agradar os conservadores, Mojica decidiu que o povão queria era violência e sexo, e resolveu radicalizar, com a idéia de um filme policial, com muitas cenas violentas e que chocasse a Igreja. Assim surgiu “Geração Maldita”, que o mestre pediu a seus alunos para que começassem a arrecadar dinheiro, e que de acordo com a arrecadação, poderia-se escolher o que queria fazer na trama.

Mesmo com os esforços dos alunos, que arrecadaram o dinheiro, o filme seria abandonado antes mesmo de ser filmado, pois uma idéia não saía da cabeça de Mojica: um pesadelo, no qual um sujeito, vestido de preto da cabeça aos pés, arrastava-o pelos braços, por entre as sepulturas de um cemitério, e parava em frente à sepultura de Mojica. Este, quando olhou para o rosto de seu algoz, reconheceu-o: era ele próprio, mas com uma barba espessa. Em frente à sepultura, a figura, que era ele mesmo, o jogava para dentro da terra. Após acordar e pensar na semelhança entre seu sonho e a atmosfera de filmes de terror com Bela Lugosi ou Boris Karloff, Mojica ditou suas idéias para sua secretária. Nascia, assim Zé do Caixão, personagem que muito iria se misturar à figura e à vida de José Mojica Marins.

### **3.3 – Zé do Caixão**

No mesmo dia em que teve o pesadelo seria escrita a história de “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”, o primeiro filme com a aparição de Zé do Caixão, apelido de Josefel Zanatas<sup>22</sup>, o agente funerário sádico que busca o filho perfeito. Era 1963, e Mojica decidiu que esse seria o último filme que faria, caso desse errado. No entanto, não pensava em viver de outra coisa a não ser cinema, e pensou em matar-se caso fracassasse.

O personagem principal seria interpretado pelo ator Dráuzio de Oliveira, mas ele desistiu dias antes de começarem a rodar o filme, porque teria que mexer com uma aranha caranguejeira na filmagem. Insatisfeito com os testes que fez para o papel, sem tempo para achar um substituto, e com a equipe técnica já montada, José Mojica decidiu fazer o papel principal.

---

<sup>22</sup> Lido de trás para frente, Zanatas forma Satanaz, uma alusão a Satanás, personagem maldito para o cristianismo.

A incrementação da capa preta foi uma influência de Drácula<sup>23</sup>, enquanto a Cartola, segundo Mojica, foi porque a marca de cigarros que ele fumava utilizava esse símbolo em sua logo, enquanto as unhas não tiveram motivo aparente. É no mínimo discutível, e também controverso com o discurso de Mojica mais tarde, de que Zé do Caixão é um personagem genuinamente brasileiro. Uma interpretação que pode ser considerada, tomando por base o universo de Mojica, é comparar sua vestimenta com a de um personagem da umbanda, Exu, já que a capa preta e a cartola são elementos utilizados para representar essa entidade<sup>24</sup>. A certeza é que, ao juntar elementos diversos para construir o personagem, José Mojica misturava ao seu terror nacionalista um toque *kitsch*.

Na primeira oportunidade que teve, Mojica utilizou da fantasia de Zé do Caixão para divulgar seu filme na TV. Antes mesmo do filme ser gravado, Mojica fez sucesso com o seu personagem, no programa Clube do Lar, dizendo: “Quem não aparece, desaparece!” (BARCINSKI & FINOTTI, 1998: 107), justificando sua vestimenta exótica.

Com “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”, José Mojica inovou não só por ter gravado o primeiro filme de terror no Brasil, como criou o personagem que carrega até hoje. Como a tecnologia da época não permitia filmar com som, era necessário dublar o filme, e como já foi dito, Mojica falava (e ainda fala) um péssimo português, então escolheu, para a voz do personagem, a voz de Laercio Laurelli, dublador.

Com o sucesso do filme, quem fez sucesso mesmo foi Zé do Caixão: Mojica fechou contrato com um produtor para mais 5 filmes com o personagem. O produtor sequer quis saber as tramas, mas Zé do Caixão tinha que aparecer. Além disso, cineastas e futuros cineastas adoraram o filme: o caso de Glauber Rocha e Rogério Sganzerla.

O segundo filme de Zé do Caixão, a continuação do primeiro, foi “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver”, em cartaz em 1967. Com esse filme, José Mojica Marins serviu de influência a cineastas que viam em seu cinema e no de Ozualdo Candeias (que exibiu o seu “A Margem” no mesmo ano) uma forma de romper com a cultura hegemônica, impulsionado pelos movimentos de contracultura divulgados mundo afora.

---

<sup>23</sup> Em entrevista exclusiva, Mojica disse que a capa do primeiro filme foi de um pessoal que ficava usando seu galpão a noite para “negócios de macumba”. Essa informação difere da que está em sua biografia, e pode ser apenas para mostrar um envolvimento real dele e do personagem com as religiões afro-brasileiras. (MOJICA, 2008)

<sup>24</sup> No filme “A Encarnação do Demônio”, inclusive, a capa preta de Zé do Caixão tem um tridente desenhado, assumindo assim a semelhança com a capa de Exu.

Mas como já foi dito, embora o personagem Zé do Caixão tivesse uma postura imoral aos padrões da época, ele sempre tinha um fim trágico; mas seus deboches e blasfêmias mexiam com os “bons costumes”. E se, o primeiro filme de Zé do Caixão foi feito um ano antes da ditadura militar, dali para frente os filmes com Zé do Caixão foram feitos sob censura, tudo foi feito sob censura, inclusive o “Esta Noite Encarnarei no teu Cadáver”. Apenas “A Encarnação do Demônio” escapou da censura, pois só foi gravado em 2007.

Com os 2 primeiros filmes de Zé do Caixão, Mojica não conseguiu ficar rico, pois, para terminar os filmes, vendeu sua parte para os produtores e distribuidores. A pobreza de Mojica foi essencial para que Zé do Caixão ganhasse força, pois Mojica passou a utilizar seu personagem para tentar ganhar dinheiro, promovendo *freak shows* em seu estúdio, com um cenário sombrio, usando caixão, velas e animais empalhados. Vestido de Zé do Caixão, promovia bizarrices em seu estúdio, que ele chamava de testes de terror: dizia que procurava atrizes e atores, e os aspirantes deviam se submeter a tudo o que ele mandava. Depois, vendo que isso chamava a atenção das pessoas e rendia-lhe publicidade, passou a chamar qualquer um que fizesse algo repugnante, para apresentar-se em seu estúdio.<sup>25</sup> E cada vez mais foi usando de seu personagem fora do cinema, misturando-o à sua vida: as unhas e a barba, que no primeiro filme eram falsas, desde 66 já eram cultivadas por ele realmente.

Devido à publicidade gerada por esses atos, Mojica foi chamado para apresentar um programa, como Zé do Caixão, na Rede Bandeirantes. Ele apresentaria contos do sobrenatural, escritos por um roteirista que o acompanharia por muito tempo: Rubens Luchetti. Mojica topou e, para aumentar o mito do Zé do Caixão, o programa seria às sextas-feiras, 11 da noite, terminando à meia-noite.

Com o sucesso cada vez maior do personagem, Mojica foi chamado para fazer comerciais, como Zé do Caixão, dos mais diversos produtos<sup>26</sup>, e até mesmo a ter bonecos e máscara de carnaval. Foi garoto-propaganda de tudo, pois mesmo dando audiência, não ganhava bem.

Em 68, fez “O Estranho Mundo de Zé do Caixão” e dirigiu um conto em “Trilogia do Terror”, dividido com Ozualdo Candeias e Sérgio Person. Ambos os filmes

---

<sup>25</sup> Um precursor de programas como *Jackass*, *Fist of Zen* ou, para citar um exemplo brasileiro, o *Gordo Freak Show*, apresentado por João Gordo (todos esses programas exibidos pela MTV).

<sup>26</sup> Além do Marafó Zé do Caixão, foi garoto-propaganda da marca Mistério, de desodorante, vitalizante de unhas e tônico capilar.



tiveram problemas com a censura, mas a “Trilogia do Terror” foi liberada facilmente, com alguns cortes, enquanto “O Estranho Mundo de Zé do Caixão” amargaria longos anos. Nesse meio tempo, largou a Band e foi para a Tupi, uma mudança que não agradou o seu público-alvo e nem o da TV Tupi. E em 69 filmou outro filme que esperaria anos para ser liberado: “Ritual dos Sádicos”.

Enquanto não podia ter seus filmes lançados, por causa da ditadura, foi ligando o Zé do Caixão a outros produtos culturais: gravou um disco de marchinhas com o personagem; e lançou a primeira revista em quadrinhos de terror com um personagem brasileiro. A revista, chamada “O Estranho Mundo de Zé do Caixão”, fez um grande sucesso, mas devido a atos impulsivos de Mojica, acabou.

Com isso, passou a ser convidado para fazer aparições públicas em eventos e festas no subúrbio, como Zé do Caixão. Mojica ia porque precisava de dinheiro, e com seus filmes parados, via seu personagem virar cada vez mais apenas uma animação de circo; seus filmes sequer eram lembrados. No entanto, em 69 lançou um filme que deu bons lucros, “Finis Hominis”, sem a presença de Zé do Caixão, mas certamente um de seus filmes mais críticos e mais anárquicos: um homem com um turbante, espécie de messias, criticava o machismo, os hippies, e outros costumes e modismos dessa época.

Na década de 70, Mojica passou a fazer filmes por encomenda, qualquer porcaria com ação e um pouco de erotismo. Isso pagava suas contas, e ele não era censurado. Sua equipe técnica, que o acompanhava, alguns desde “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”, foi se desmembrando: alguns saíram insatisfeitos com os novos filmes, outros porque tinham adquirido conhecimento e foram chamados para outros trabalhos. Os produtores fugiam de Mojica, pois sabiam que filmes com Zé do Caixão (a obsessão de Mojica) estavam sob o olhar rigoroso da censura.

Começou a se aproveitar de qualquer episódio para se promover, e tentar promover qualquer filme seu ou até mesmo viabilizar algum projeto: quando foi preso, injustamente, disse que a noite na prisão valeu para que aprendesse com os criminosos, e que seu próximo filme seria o mais doentio que já dirigiu; contratou um lutador de *tele-catch* de apelido Satã para ser seu guarda-costas; foi jurado do Raul Gil.

Em 73, tinha 2 filmes seus interditados (“À Meia-Noite Levarei sua Alma”, que não passou na renovação; e “Ritual de Sádicos”), e 2 filmes completamente mutilados pela censura (“Esta Noite Encarnarei no teu Cadáver” e “O Estranho Mundo de Zé do Caixão”). Isso no Brasil, pois em 73 e 74, Mojica ganhou prêmios internacionais por

seus filmes: “O Estranho Mundo de Zé do Caixão” na Espanha, e pela sua obra na França. O reconhecimento como cineasta vindo do exterior era chocante para ele, que criou Zé do Caixão um personagem nacional.

Mojica passa a fazer pornochanchadas ou filmes horríveis, e assina com o pseudônimo de J. Avellar, mantendo a outra assinatura apenas para filmes que lhe davam prazer fazer, não apenas para pagar as contas. Mojica passou a ligar tanto a sua vida com Zé do Caixão, que quando enfartou, sua namorada, Nilce, atrasou sua melhora, para que ele saísse no dia 13, às 13 horas e 13 minutos. A superstição ligava-o ao Zé do Caixão no imaginário, e era isso que ele queria.

Em 77, Zé do Caixão reaparece com “Delírios de um Anormal”. No filme, um psiquiatra sofria com alucinações do personagem. Mas na verdade, as cenas do filme, em sua grande maioria, eram cenas cortadas dos filmes anteriores, censuradas. Mojica juntou-as todas, formando um grande mosaico com Zé do Caixão, onde as cenas não combinavam entre si. Mas, como era de se esperar, a censura ainda o deteve por 2 anos, até liberá-lo, em 1979. Foi aclamado apenas por pessoas que viram no filme um desabafo contra a censura.

E enquanto Zé do Caixão abriu sua discoteca, fazia performances na rua e nas filas de cinema para ganhar mais dinheiro, Mojica se virava com pornochanchadas e curtas, que ganhavam dinheiro na época da ditadura. Até que em 1981 foi convidado pela TV Record para apresentar um programa de bizarrices, onde convidados pareciam ter sempre a ver com o demônio (Dito Satã e Lina Capeta eram os “nomes” de alguns convidados). Em contraposição a eles, tinha o júri, formado por padre Quevedo, o presidente da Federação dos Umbandistas de São Paulo e uma atriz. O programa durou apenas 3 meses.

Em 83, Mojica fez uma tentativa de separar criador e criatura, cortando as unhas da mão (as maiores do mundo na época) devido a problemas de saúde. Ele fez questão de dizer que, no programa, era ele, Mojica, quem cortava as unhas, e não Zé do Caixão. Zé do Caixão morreu por um tempo, pois Mojica dedicou-se ao ramo de filmes que mais dava dinheiro na década de 80: filmes pornográficos de sexo explícito. Embora Zé do Caixão estivesse aposentado, Mojica não deixou de chocar o público, com filmes nada usuais, mesmo nesse gênero, tão difícil de inovar, como o já citado “24 Horas de Sexo Explícito”.

Nos anos 90, Zé do Caixão volta, como atração do Playcenter, e novamente em programas de TV, agora sem vínculo algum ao cineasta de anos atrás, apenas como exótico, como piada. No exterior, sua obra é relançada, e *Coffin Joe* faz sucesso enorme nos Estados Unidos, sendo chamado, inclusive, para 2 convenções de fãs de filmes de terror. A fantasia de Zé do Caixão, dentro de um lugar onde é reconhecida com seu significado original, tem um motivo para ser usada, não é esvaziada de sentido, como ele a usa aqui.

No Brasil, Zé do Caixão teria uma ressurreição apenas em 1996, quando a Bandeirantes contratou-o para apresentar o “Cine Trash”, onde filmes de terror do gênero *trash* eram apresentados por ele. Mojica, no entanto, não gostava da maioria das fitas que exibia, com muito sangue e cenas de *gore* explícitas.

Em 2008, finalmente, José Mojica Marins consegue terminar sua trilogia do Zé do Caixão, com o filme “A Encarnação do Demônio”. Maior produção do cineasta, o filme encerra a história de Zé do Caixão e sua busca incessante por gerar o filho perfeito, com a mulher perfeita. Mantém os elementos presentes nos outros filmes da trilogia (e há bastante referência a cenas dos 2 primeiros filmes, inclusive), e se utiliza mais ainda de cenas grotescas.

Após o lançamento de seu último filme, foi contratado pela TV Brasil para apresentar o programa “O Estranho Mundo de Zé do Caixão”, um *talk show* apresentado por Zé do Caixão, com um cenário cheio de caveiras e velas, e um anão vestido de diabo, seu ajudante.

### **3.4 – Os “Zés”, as mulheres e as crianças**

A história de Zé do Caixão, girando em torno da busca da mulher perfeita que lhe gere o filho perfeito parece absurda, algo apenas para Zé do Caixão. Mas tirando as excentricidades das provas feitas pelo personagem, que envolviam animais, sacrifícios humanos e outras demonstrações absurdas de lealdade, Mojica era tão mulherengo quanto Zé do Caixão, e assim como o personagem, dava extrema importância à capacidade da mulher de ter um filho. O pensamento machista de José Mojica (que seria absorvido por seu futuro personagem Zé do Caixão) o fez pensar em divórcio para viver com a amante, quando achava que sua esposa não lhe daria filhos:

“Mojica, que crescera num ambiente machista, em que mulheres eram relegadas simplesmente à função de procriar, via a ausência de um filho como falha pessoal

da mulher. Daí a maior atenção que passou a dedicar à amante, inclusive alugando para ela um pequeno apartamento” (BARCINSKI & FINOTTI, 1998: 85).

Nasceu o primeiro filho de Mojica, Crounel (uma homenagem a Oliver Cromwell, escrita de forma errada), fruto de sua relação extraconjugal. Foi quando a esposa lhe avisou que estava grávida e teve Derian. Teve ainda outras filhas com a amante: Mariliz e Merisol. Mulherengo assumido, Mojica ficaria até os anos 80 dividindo-se entre a mulher, Rosita Soler, a amante, Maria José, sua secretária Nilce (que aparece no final da década de 60) e pequenos casos com as alunas e atrizes.

Nos filmes, Zé do Caixão trai a mulher, seqüestra mulheres na rua e exige a submissão delas. Parece que apenas em seu último filme, “A Encarnação do Demônio”, criatura supera o criador: engravida sete belas mulheres, todas jovens. E o mais importante, conviveu com todas no mesmo lugar, todas sabendo (e aceitando) da existência das outras. Já Mojica, teve que enrolar muito bem as moças para que não se revoltassem contra ele.

Outro ponto no qual o autor e o personagem convergem, é em relação às crianças. A preocupação com as crianças é mostrada nos filmes de Zé do Caixão, seja com a busca incessante de gerar um filho perfeito (embora aí a idéia da criança fique até em segundo plano, pois o que está realmente em jogo, para Zé do Caixão, é a continuidade de seu sangue), com discursos sobre como os adultos devem tratar bem as crianças, e com atos de heroísmo e preocupação com elas. Na vida real, segundo o próprio Mojica, os filmes dele têm sempre uma mensagem positiva para servir de “bom exemplo” para as crianças (MOJICA, 2008). José Mojica Marins afirmou que é muito preocupado com a mensagem passada pelos seus filmes e outros produtos ligados a Zé do Caixão, exatamente porque as crianças gostam dele, e ele acha que não se deve passar “mensagens de maldade” para as crianças. A preocupação em passar uma mensagem que castiga quem não cumpre as convenções estabelecidas pela sociedade para as crianças, que construirão o futuro, mostra o conservadorismo de Mojica, e o quão consciente é esse maniqueísmo, marcante principalmente nos dois primeiros filmes.

#### **4 – Análise da Trilogia de Zé do Caixão**

A história do agente funerário Josefel Zanatas começa em 1963, com o filme “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”, onde ele busca ter um filho de qualquer jeito, e embora tenha um final com a “morte” de Zé do Caixão, pelo sucesso que fez, tem a continuação, “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver”, sem uma explicação concreta para a sobrevivência do personagem, e termina com sua morte, novamente. Mas o final deste último foi censurado pela ditadura, e em seu lugar foi colocado uma conversão de Zé do Caixão ao cristianismo, seguida de sua “morte”. Perseguido pelos censores da ditadura militar brasileira, o cineasta José Mojica não pôde mais fazer filmes onde o personagem Zé do Caixão aparecesse diretamente, apenas como delírio ou sonho, o que prorrogou o último filme da trilogia, e obviamente, alterou bastante a história, visto que o personagem mudou a idade e passou a viver em uma época com costumes diferentes dos anos 60 / 70. O último filme, “A Encarnação do Demônio”, só foi gravado em 2007, e o protagonista, mais uma vez, morre no final.

Nesse contexto será feita a análise dos três filmes em que o personagem Zé do Caixão é o protagonista. Serão analisados os elementos e crenças populares brasileiras utilizados nos filmes, em contraponto à globalização da cultura norte-americana, e também a blasfêmia do protagonista e as religiões; o papel da mulher e o patriarcalismo nos filmes de Zé do Caixão; e a crítica social e o papel do povo nessa trilogia.

A luta ideológica interna, entre elementos que reforçam a ideologia hegemônica, e outros transgressores de valores sociais, é muito comum em filmes *trash*. Mas nos filmes em que Zé do Caixão é protagonista, há sempre uma negação das críticas ao moralismo e às religiões, feitas pelo personagem no decorrer da história, reforçando a moral e as normas sociais vigentes.

Como foi visto, apesar de fazer o personagem blasfêmico, Mojica se declara católico, e diz que sempre faz um final no qual o “Bem” ganha, para servir de exemplo para as crianças. A mensagem do “Bem”, ligado à religiosidade, nem sempre foi compreendida pelo público, e é de modo negativo que será mostrado nas análises que se seguem essa característica do cinema de Mojica.

##### **4.1 - À Meia-Noite Levarei Sua Alma**

Nesse filme inicia a saga de Josefel Zanatas, um agente funerário de hábitos curiosos e uma compreensão de vida não muito comum: possui a obsessão de ter um filho perfeito, para dar continuidade ao seu sangue, a única maneira, para ele, de se

conseguir viver eternamente. Ao saber que a mulher, Lenita, não pode lhe dar um filho, ele a mata, achando que assim, Terezinha, a mulher de seu melhor amigo, Antônio, topará dar-lhe um filho.<sup>27</sup> Ele mata também Antônio, e estupra Terezinha. Antes de se matar, ela jura vingança contra Zé, dizendo que voltará como alma para buscá-lo, à meia-noite. Zé zomba de todas as crenças e credences populares, mas no final, a população o encontra, assassinado<sup>28</sup> pelas almas, exatamente o que sempre havia negado.

Nesse primeiro filme, a busca de um filho é o que o faz cometer a maioria das atrocidades. Logo no início, um discurso *kitsch* aparece, sobre vida, morte, existência e descendência: “O que é a vida? É o princípio da morte. O que é a morte? É o fim da vida. O que é a existência? É a continuidade do sangue! O que é o sangue? É a razão da existência.” Com esse questionamento que pretende uma seriedade, a demência de Zé do Caixão era apresentada ao público: sua morbidez, a obsessão pela continuidade do sangue e a confusão de idéias.

#### 4.1.1 – Religiões e elementos populares brasileiros em “À Meia-Noite...”

No início do filme, podemos notar uma diferença cultural dos filmes de terror internacionais da mesma época de “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”: uma cigana (uma mistura de bruxa com um toque de macumba) apresenta o filme, e em sua tenda, pode ser visto uma imagem de Exu, divindade das religiões afro-brasileiras; um quadro com uma imagem de santo; velas, e outros elementos que destacavam a nacionalidade do filme, um diferencial que aproximava mais o filme de terror do povo das camadas sociais mais pobres. Mas há também clichês de filmes de terror internacionais, como aranhas, caveira e boneco de vodu.

É essa personagem, a cigana, que representa a maioria das superstições populares no filme. Quando Zé do Caixão vai com Antônio e Terezinha à sua tenda (ele diz que quer apenas se divertir com os dois supersticiosos e a “bruxa”), Zé usa uma vela que está na mesa para acender seu cachimbo, ignorando o significado espiritual do objeto. A cigana diz a Antônio que sua linha de vida terminou, para não se importar com a vida terrena, satisfazer sua alma, e que fosse enterrado à meia-noite, para obter

---

<sup>27</sup> Como já foi dito no capítulo anterior, em 1962, um ano antes de começar a gravação do filme, Mojica estava cada vez mais largando Rosita de lado para dedicar-se à amante Maria, pois Rosita tinha dificuldades para engravidar.

<sup>28</sup> O personagem aparenta estar morto, e esse era o fim, antes de ser inventada a trilogia de Zé do Caixão. Para o segundo filme, o personagem volta e não é dada nenhuma explicação, apenas é disfarçado o final do filme, como se ele não tivesse morrido.

salvação; Zé do Caixão revolta-se, bate na mesa e pede que a “velha bruxa” pare com as bobagens. Zé a manda para o inferno, após ela dizer que ele pagaria pelos seus pecados. Ironicamente, o que a cigana previu, foi cumprido pelo próprio Zé (o assassinato de Antônio), e Terezinha faz com que o enterro seja feito à meia-noite, exatamente como foi sugerido.

Ao mostrar a profecia da cigana cumprida e a obediência de Terezinha ao que foi dito, José Mojica mostra que há uma simpatia com a cultura popular de premonição: ciganas, pessoas que lêem mãos, cartas, jogam búzios, etc. Todas essas crendices estão juntas nessa personagem, e ao desrespeitá-la, Zé do Caixão afasta-se mais ainda do público *mainstream*, que acredita ou teme, mas de qualquer forma, atribui poderes a essas pessoas. E é a mesma cigana quem faz a premonição de tudo o que acontece antes de Zé morrer: o vento nas árvores seriam as almas penadas; um gato preto, o demônio; ouvir passos sem ninguém andar, a condenação da alma; o canto da coruja, o prenúncio do fim; e finalmente a luz, seriam as velas da procissão dos mortos, que viriam buscá-lo. Todos os elementos fazem parte do imaginário popular quando se trata de superstição. E tudo o que é negado por Zé durante o filme inteiro vem no final, e este, com medo, acaba mostrando que na verdade, ele era o tolo que não enxergava a verdade (o sobrenatural). E quando corre assustado após ver as almas das pessoas que assassinou, algo chama a atenção pela ironia: Zé, que ameaçara tanto o povo de fazer seus caixões, grita apavorado ao ver, na procissão dos mortos, um caixão com seu corpo dentro. E ao “morrer”, perseguido pelos mortos, dentro do mausoléu de suas vítimas, fortalece a crendice popular do poder do sobrenatural, e mais ainda o poder da “cigana”, que previu tudo com precisão: a morte de Antônio, a punição de Zé do Caixão e tudo o que aconteceria antes de sua morte.

Outro ponto importante é o fato do cemitério ser uma área que Zé não teme, ao contrário dos habitantes da cidade. Ao aparecer uma moça na cidade, que precisa ir à casa da tia, ninguém se dispõe a levá-la por ter que passar pelo cemitério, e ainda mais por ser dia dos mortos. O protagonista passa tranquilamente, e ao que a mulher (vinda da cidade, não sendo uma pessoa do campo) diz que o povo dali é muito supersticioso, Zé rebate, dizendo só ter medo dos vivos. Fica claro então que é o povo rural que Mojica retrata nos seus filmes, suas crenças e superstições. E ao mesmo tempo em que acha o cemitério um local tão comum como outro qualquer, Zé do Caixão “morre” no mausoléu de Terezinha e Antônio, que fica, obviamente, no cemitério. O personagem paga por tudo o que disse e fez: não tinha medo de cemitério, nem dos mortos, não

acreditava nas previsões da cigana, etc. Mojica afirma tudo o que Zé do Caixão nega, afirmando crenças populares.

Em “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”, dois grupos religiosos são alvo dos desrespeitos de Zé do Caixão: o cristianismo (focado no catolicismo) e as religiões afro-brasileiras (umbanda e candomblé). No início do filme, após aparecer todo de preto em um enterro, destoando da população que acompanhava o cortejo, Zé chega em casa e, mostrando seu lado grotesco, diz: “Esse enterro me deu uma fome”. Quando a esposa entrega a comida, ele reclama pela falta de carne, e a esposa responde que é sexta-feira santa, por isso não fez carne. “Que me importa que seja sexta-feira dos santos ou do demônio? Eu vou buscar o que eu quero, e nenhum carola vai me impedir. Hoje eu como carne, nem que seja carne de gente.” Quando a esposa o adverte, dizendo que o diabo tenta, ele rebate: “se eu encontrá-lo, vou convidá-lo para jantar.” Para finalizar a seqüência blasfêmica, Zé do Caixão aparece comendo carneiro (um símbolo cristão), enquanto a procissão passa, ao fundo de sua janela. Rindo, oferece um pedaço da carne ao padre, que se benze diante do escárnio.<sup>29</sup>

Essa é uma das suas características mais marcantes, que lhe renderia, mais tarde, a alcunha de Maldito: o desrespeito a tradições cristãs. Após isso, mostra a relação de Zé com a população local, no bar, onde pede que tragam o carneiro de sua casa. Obriga um homem que não quer comer a carne, a comê-la, e sorri satisfeito ao ver a pessoa contrariada. Depois, sai do bar dizendo ir para a encruzilhada do cemitério. Zé afasta-se do povo por não possuir religião, como eles, e mais ainda, por obrigá-los a fazer o que o cristianismo proíbe, ou por frequentar locais aos quais o povo teme, como a encruzilhada para as religiões afro-brasileiras (ainda mais de cemitério).

No entanto, em 1963, estava em alta a contracultura, que lutava contra valores dominantes, e algumas das provocações de Zé do Caixão eram vistas com bons olhos pelas pessoas que queriam uma mudança da sociedade, e tabus religiosos sempre foram difíceis de quebrar. Algumas falas do anti-herói fizeram Gláuber Rocha dar gritos no cinema, chamando Mojica de gênio (BARCINSKI & FINOTTI, 1998). Questionamentos contra a fé cristã não faltavam em seus filmes, já que eram característica essencial do protagonista. O melhor diálogo do filme, a esse respeito, se dá em uma cena com Antônio, logo após a ida dos dois à cigana, na qual ele pergunta a Zé quando é que surgiu a descrença dele. Zé responde:

---

<sup>29</sup> “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”, 1963. De José Mojica Marins.



Eu não posso ter descrença quando nunca tive crença. Crer em quê? Num símbolo? - apontando para uma imagem de Jesus - Numa força inexistente criada pela ignorância? Sim, sou um revoltado... com os tolos como você, que temem o que não vêem e tornam-se escravos daquilo que realmente existe: a vida! (...) Veja esse povo seu. Qual a razão para me temerem? Porque eu uso roupa preta? Porque eu creio em mim? Porque eu rio da crença deles? Não. Porque eu sou mais forte e tenho inteligência suficiente para dominar quem quer que seja. Eles são fracos, porque são escravizados pelo que não conhecem. Eu sou livre. Por isso, tenho mais força.<sup>30</sup>

Exceto pela fantasia da dominação, é um discurso revolucionário do ponto de vista religioso, uma crítica ferrenha ao cristianismo, que causa espanto saber que veio de uma pessoa que crê em tudo o que acabou de questionar e criticar. E essa seqüência termina com a morte de Antônio, após dizer que era feliz amando Terezinha e crendo em Deus: ele foi atingido por Zé do Caixão, que questiona de que havia lhe valido a crença, já que ele era mais forte, e em seguida, afoga Antônio em uma banheira. Uma destruição completa dos valores cristãos, mostrando a inutilidade da crença, a injustiça do mundo e a impotência divina de salvar uma pessoa boa. Destroí também valores como a ética e a amizade. No entanto, ele contradiz-se e dá um motivo para o povo temê-lo.

Em outra cena, no cemitério, há uma referência a religiões afro-brasileiras, quando, após estuprar Terezinha, Zé do Caixão cruza com um despacho, com muitas velas, e diz ser seu dia de sorte, pois “até o diabo está aqui, né?”, diz, alisando uma estátua de Exú e embolsando objetos do despacho. Pega duas garrafas do despacho, bebe e gargalha. Pisa no resto das oferendas e vai para o cemitério, onde grita com os mortos, pedindo que levantem-se e o levem para o inferno. Chama por Antônio, gritando que possuiu Terezinha, e que ele não pode fazer nada, pois não existe mais. Pegar oferendas, referir-se à imagem de uma divindade dessas religiões como o diabo (representante do “Mal” no cristianismo), desrespeitar os mortos: Zé mostra não ter respeito à religião alguma, exceto sua simpatia pelo diabo, que deve ser vista mais como algo irônico e opositor a Deus, do que como servidão a uma seita satânica.

Na cena visualmente mais chocante do filme, em que o peso vem pelo simbolismo religioso carregado nela, Maria, a atendente do bar, diz a Zé do Caixão que seu tio não quer que ela receba dinheiro dele. O tio percebe a conversa, pega o dinheiro

---

<sup>30</sup> “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”, 1963. De José Mojica Marins.

da mão dele e taca no chão. Zé manda ele pegar o dinheiro do chão, põe sua luva preta, e pega a coroa de espinhos de uma imagem de Jesus, próxima a ele. O tio recusa-se a pegar o dinheiro do chão, e Zé crava-lhe a coroa de Cristo na cara, abrindo-lhe uma ferida. Depois, o tio sem ação, obedece o protagonista, que o faz rastejar, pegar o dinheiro do chão e ainda entregar à sobrinha. Além de conseguir fazer o que queria, ou seja, dar o dinheiro à Maria, Zé do Caixão utiliza-se de um objeto que representa a dor de Jesus no cristianismo (mas não sem antes proteger a mão com uma luva, demonstrando um nojo pelo símbolo) para ferir uma pessoa que tenta opôr-se a ele. O estado servil que o tio de Maria fica após o ferimento é humilhante, e representa a superioridade pretendida por Zé do Caixão.

Um outro discurso que tem potencial de ir contra os valores cristãos, mas que é anulada pelo fim trágico de Zé do Caixão, quando Terezinha aparece, inclusive, negando tudo o que Zé fala, se dá no momento em que ele está embriagado e começa uma tempestade.

Terezinha! Venha do nada, e pune o crime da minha paixão. (...) Por que não vem? És um fantasma do passado. (...) eu estou vivo! Vocês estão mortos, decompostos. Alimento dos vermes. Céu! Inferno! Reencarnação! - agarra uma cruz de flores - O poder da fé, símbolo da ignorância! Onde estás, ó Diabo? Mentiras! (...) Eu desafio seus poderes! Renego a sua existência! Nada existe, somente a vida! Nada é mais forte que a minha descrença! Destrua-me, eu não creio em nada! Quero a prova do castigo! Mentiras!<sup>31</sup>

Embora o castigo dado a Zé do Caixão reforce o cristianismo, a fé cega havia já sido colocada em questão, embora o próprio autor da crítica não acreditasse naquele questionamento. A Igreja não via com bons olhos, mesmo com o final “feliz”, mas fez sucesso, e como já foi dito, cineastas marginais e do Cinema Novo, como Glauber Rocha, estavam gostando também, independente da mensagem favorável ao “Bem” no final, reforçando a moral cristã<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”, 1963. De José Mojica Marins.

<sup>32</sup> Por esses cineastas serem mais subversivos e buscarem um questionamento real dos valores e da moral, pode-se afirmar que fizeram uma “leitura de resistência” (HALL, 1980 apud KELLNER, 2001: 57) dos filmes do Zé do Caixão, valorizando as partes subversivas, dando ênfase às cenas do filme cujo sentido seria negado por Mojica no final.

#### 4.1.2 – Papel feminino e patriarcalismo em “À Meia-Noite...”

Zé do Caixão é um personagem machista, mas além do personagem, o filme reforça um sexismo, colocando mulheres em papéis com uma função sexual, submissa, dependente, ou então, caso possua algum dom, como a cigana, aparece destituída de beleza. Como foi dito anteriormente, José Mojica Marins foi criado com valores patriarcais tradicionais, e em sua vida, sempre teve mulher e amantes, o que mostra que o castigo de Zé do Caixão não seria necessariamente por desrespeitar sua esposa ou tratar as mulheres como objetos sexuais. Como foi dito, na comparação entre Zé do Caixão e José Mojica com as mulheres, ele quase separou-se de sua esposa porque ela enfrentava dificuldades de engravidar, o que mostra, ao mesmo tempo, o significado dos filhos na vida de Mojica, e seus valores machistas na vida real.

No filme, Lenita, mulher de Zé do Caixão, diz saber que ele olha para outras mulheres, e fala que não gosta disso. Mas a forma de sua fala, como se estivesse pedindo um enorme favor a seu marido, e quando mais tarde, desculpa-se por ter ciúmes e diz querer fazê-lo feliz, mostra a submissão e dependência da mulher de Zé: mesmo ele indiscretamente dando em cima de Terezinha, Lenita aceita, e mesmo estando infeliz, deseja fazer o marido feliz. E enquanto Zé do Caixão (e Mojica também) pode ter mais de uma mulher, ao colocar uma aranha no corpo de Lenita, para matá-la, Zé do Caixão faz o seguinte discurso<sup>33</sup>:

Cada mulher deve pertencer a um só homem. Já que para mim você não tem utilidade, farei a gentileza de livrá-la do pecado de precisar de outro homem. Do que lhe vale a vida se não podes ter um filho para a continuidade do teu sangue? Não mais será um empecilho para que seja consumada a única verdade da existência. Terezinha será minha, e de suas entranhas prosseguirá minha geração. Terei a honra de vê-la morrer diante de mim. (...) Lenita, nesse instante deixas de pertencer-me para converter-se em amante da morte.<sup>34</sup>

A inutilidade da mulher que não pode ter filhos tira das mulheres qualquer identidade que não seja a de mãe, negando-lhes qualquer papel social, exceto o materno. A proibição da mulher ter mais de um homem, o que Zé chama de pecado<sup>35</sup>, faz parte da opressão masculina, que cobra a virgindade da mulher, a pureza, enquanto o homem deve parecer, à sociedade, o mais viril possível; e quanto maior a quantidade de

<sup>33</sup> Nesse ponto do filme, Zé do Caixão já havia tentado beijar Terezinha, mesmo ela sendo mulher de seu melhor amigo, Antônio. O fato de Zé ser casado com Lenita também não é um empecilho.

<sup>34</sup> “À Meia-Noite Levantei Sua Alma”, 1963. De José Mojica Marins.

<sup>35</sup> É engraçado a utilização da palavra “pecado” como uma coisa ruim, por Zé do Caixão.

mulheres que o homem tem, mais prova sua masculinidade (BOURDIEU, 2003). Sem contar que no discurso Zé fala do pertencimento da mulher: Lenita deixa de “pertencer” a ele para “pertencer” à morte, um objeto que apenas troca de mãos. Mas essa troca se dá apenas simbolicamente, pois nunca poderia trocar de um homem para outro; uma vez com um homem, para Zé do Caixão, este tem o direito de fazer o que quiser com a mulher, que pode apenas pertencer a esse homem; o homem, no entanto, pode querer outras mulheres, mesmo que já “tenha” uma.

Antes do assassinato, Terezinha avisa a Zé de que Lenita precisa de cuidados, por estar sozinha, ao que ele responde: “A mulher que não concebe filhos, não precisa de cuidados.” A dependência que a mulher tem de um homem para protegê-la, tomando-a como um ser frágil, chega a ser irônica aqui, pois é seu suposto protetor quem a mata. A necessidade de proteção da mulher é registrada em outro momento também, quando uma visitante chega da cidade, para visitar a tia, e precisa que alguém a leve até sua casa. Embora não tenha medo do cemitério nem seja supersticiosa, a mulher precisou da ajuda de Zé do Caixão para chegar lá. Esse, solta uma frase, na qual mostra novamente sua idéia de que a mulher é apenas uma propriedade do homem: “Ela é bonita. Se eu agir direito, ela não me escapará”.

Terezinha, outra personagem principal, é também vítima do pensamento machista de Zé do Caixão: é escolhida como a mãe de seu filho, mesmo sem o seu consentimento, apanha de Zé e é estuprada por ele em seguida. Na cena do estupro, ele vai consolá-la pela morte de seu marido, Antônio (assassinado por ele). Começa a assediá-la, e embora ela peça respeito e piedade, ele força, dizendo: “Você é difícil. Eu gosto das coisas difíceis. Eu quero que seja minha, e quando quero, consigo”. E ante a negação de Terezinha, ele a estapeia e lhe dá um soco. A puxa pelo cabelo, e, ao vê-la ensangüentada, diz: “Isso, agora está como eu gosto. Você me dará o filho que quero.” Essa violência e a idéia de que a mulher é “dele”, apontam para uma superioridade do homem sobre a mulher: o direito de propriedade sobre o corpo feminino; a apropriação do filho pelo homem, pois deve servir para dar continuidade ao sangue do pai<sup>36</sup>, era uma prática muito mais do que ficcional, e ainda o é. O sobrenome final dos filhos, por exemplo, é no Brasil e em outros países, salvo raras exceções, o sobrenome do pai, pois este dará continuidade à família do pai. Mas nem sempre foi assim; segundo Lins, na época em que a gravidez da mulher estava simbolicamente ligada à religiosidade dos

---

<sup>36</sup> Uma idéia totalmente patriarcal, muito em combate na época, devido ao surgimento dos movimentos de contracultura.

povos primitivos ocidentais (do período neolítico), e a mulher tinha um papel predominante na religião, a estrutura social era igualitária, até o dia em que o homem descobriu que a gravidez não era uma ação exclusiva das fêmeas com a natureza, mas que dependia dele também:

A reação masculina eclodiu com a força e a ira de quem fora durante muito tempo enganado. O homem foi desenvolvendo um comportamento autoritário e arrogante. Daquele parceiro igualitário de tanto tempo, a mulher assistiu ao surgimento do déspota opressor. A superioridade física agora encontra espaço para se estender à superioridade ideológica. (LINS, 1997: 22)

Tanto é que hoje em dia assiste-se à paranóia masculina do exame de DNA para confirmar a paternidade da criança. O homem passou a se denominar mais importante que a mulher, e tanto a filiação quanto a herança passou a depender do homem (Ibidem). O fetiche de ser dono da mulher encontra justificativa na frustração de não poder gerar um filho, ou seja, ter absoluta certeza de que o filho é seu.

Terezinha, no entanto, também reproduz um discurso machista, quando diz a Zé, após ter sido estuprada: “Você me desgraçou, Zé. Não posso continuar vivendo. Vou me matar”. A importância dada ao sexo para a mulher, a qual deve guardar-se sempre, se possível ter um homem só (ainda mais na época do filme), chega a tal ponto que o estupro é tido como um motivo para não poder mais continuar vivendo. E a fraqueza da mulher é tanta que, em vez de matar o seu carrasco, ela prefere matar-se, mostrando assim, a superioridade do homem.

A atendente do bar, Maria, também não escapa das cantadas de Zé do Caixão, mas o que mostra mais a fragilidade da mulher é que seu tio a faz não aceitar dinheiro que Zé oferece a ela. Coloca-se um preço no corpo da mulher, e para evitar que ela se venda, já que não pode agir por si própria, um tio, figura masculina familiar, aparece para protegê-la. A única mulher que escapa do estereótipo da fragilidade feminina, realmente, é a cigana: ela tem poder e é independente dos homens, em compensação, ganha uma verruga e uma certa histeria em suas falas proféticas.

A estranha paixão de Zé do Caixão por crianças em geral, o que o acompanha nos outros filmes, aparece neste filme em uma cena que não mostra nenhum avanço na trama do personagem (não tem nenhuma ação que o ajude a alcançar seu objetivo, nem mesmo algum personagem secundário, apenas figurantes), na qual um homem e uma criança caminham no cemitério, e o pai está brigando com o filho, que está chorando. Zé intervém e diz ao pai: “Não maltrate uma criança! Ela é a continuidade do teu sangue

(...) Leve seu filho, sem magoá-lo.” No meio da lição dada ao pai, ele fala ao pequeno garoto que “um homem não deve chorar”, passando à criança um valor machista, de frieza e negação de emoção. O homem deve ser racional, e o choro é uma ação emocional, característica das mulheres.

Nesse tópico é visível o conservadorismo de Mojica, que não consegue mostrar a mulher independente, pelo contrário, mostrando a superioridade do homem, e a submissão da mulher.

#### **4.1.3 – Crítica Social em “À Meia-Noite...”**

Mojica mostra em seu primeiro filme o agente funerário que esbanja dinheiro e que maltrata o povo de uma cidade rural, zombando de suas crenças e superstições. Como seu trabalho é com morte e ele usa capa preta, faz-se um paralelo claro com a figura do Drácula: alimenta-se da morte da população local, tem um lado aristocrata, diferenciando-se sempre da população local, ignorante, e achando ter direito a tudo o que quer. No bar, está sempre fazendo valer as suas leis: quando em uma jogatina ele ganha o dinheiro do outro apostador, e este não quer largar o dinheiro, ele corta-lhe os dedos com uma garrafa quebrada, e após chegar o carneiro que mandou um rapaz ir buscar em sua casa, diz que a cena lhe abriu o apetite; impede um homem que ia embora do bar, e quando este fica, contrariado, Zé ironiza, dizendo que gosta disso, de “homem de opinião”, e dá um chute nele. Está sempre em uma posição de dominação da população local, e as poucas vezes que há uma revolta contra ele, é sempre de uma pessoa sozinha, com os outros amedrontados.

No entanto, é interessante ver que a perseguição das almas, a procissão dos mortos, é o que o faz, literalmente, “morrer” de medo. A massa o apavora. Ele vai parar no mausoléu de Antônio e Terezinha, onde acaba “morto”. E é nesse momento, a única vez no filme onde se vê a população viva reunida em torno de algo (fora a procissão), para checar os gritos no cemitério. O tabu do local é quebrado, certamente, apenas por um motivo: para que no final a população, tão importunada pelo protagonista, pudesse ver Zé do Caixão “morto”. Sem saber, suas crenças estavam realmente certas, e eles estavam livres de Zé do Caixão.

Na análise da estrutura social, o filme apresenta uma tentativa de ir contra a hegemonia, pois há uma punição para o opressor das pessoas humildes do campo<sup>37</sup>, mas

---

<sup>37</sup> Da mesma forma que o cristianismo e as crenças populares são zombadas o filme inteiro, o povo da roça também é, e consegue sua vingança ao ver o protagonista “morto”.

a subversão é vista apenas nesse tópico, pois nos outros, ele mantém uma postura conservadora: a religião dominante<sup>38</sup> é reforçada, mesmo o personagem sendo um ícone na crítica às religiões; e o machismo também é reproduzido e não é questionado em momento algum. A junção dos pontos de resistência e de conformismo mostram a predominância do conformismo nesse primeiro filme de Mojica<sup>39</sup>.

#### 4.2 – Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver

Nesse filme, o segundo da trilogia, Zé do Caixão é ressuscitado de forma inusitada pelo diretor, falseando o final do primeiro filme como um simples problema nos olhos<sup>40</sup>. Ele rapta seis mulheres, as testa, segundo seus princípios, e não acha nenhuma delas digna de ser a geradora de seu filho. Mata cinco, trancando-as em uma pequena sala e enchendo-a de cobras; dentre as mortas, há uma grávida, Jandira, que roga uma praga para ele. A sexta, ele descarta porque ela o ama, e o amor é algo inferior<sup>41</sup>, mas deixa como aliada. Conhece Laura, filha do Coronel que o persegue, uma garota que concorda com tudo o que ele pensa, e a escolhe para ser a mãe de seu filho, mas ela morre sem dar o esperado filho a Zé do Caixão. Durante o filme, Zé é perseguido pela culpa de ter matado uma criança não nascida. O Coronel convence o povo, e todos perseguem o personagem para matá-lo, e ele acaba “morrendo” no final ao ver o corpo de suas vítimas no lago onde as jogava.

“Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver”, feito em 1967, encontra-se em um contexto diferente do primeiro: em 1964, um ano após o lançamento de “À Meia-Noite Levarei sua Alma”, os militares dão um golpe de Estado, tomam o poder e começam a governar o país “provisoriamente”. Mas a ditadura militar teve extrema influência nesse filme de Mojica; não que o cineasta tivesse resolvido incorporar à sua miscelânea de idéias os valores militares, mas com a ditadura veio a censura, e embora o filme não apresentasse um final feliz ao anti-herói, os atentados contra “a moral e os bons costumes da família brasileira” eram muito fortes no filme de Mojica. Zé do Caixão não

---

<sup>38</sup> Embora o cristianismo seja a religião com o maior número de adeptos no Brasil, há de se considerar o sincretismo religioso, muito comum no Brasil, onde se mistura um pouco as crenças, acrescentando elementos de outras religiões;

<sup>39</sup> Não há como tirar o mérito de revolucionário no sentido de que Mojica colocou várias cenas criticando ferrenhamente a fé cristã, dominante no Brasil; o único problema é ele não manter até o fim, e passar uma mensagem oposta no final.

<sup>40</sup> Como a morte, no primeiro filme, ficava mais evidente pelos olhos saltados do personagem, no segundo filme o início mostra a população no mausoléu, um homem falando “ele ainda vive!”, e Zé do Caixão aparece com tampões, sendo julgado e absolvido.

<sup>41</sup> Novamente aparece a rejeição a sentimentos, como sendo femininos, inferiores.

era visto como um bom exemplo pelos militares, e para lançar o filme, Mojica teve que aceitar alterações e cortes feitos por eles.

O final do filme, explicitamente cristão como uma cartilha de igreja, escreve em letras garrafais (e da forma menos adequada o possível para um filme) uma mensagem que Mojica passava sutilmente. Transformava-o em um panfleto cristão, tornando a mensagem mais eficiente apenas para os que reconhecem como reais os signos ditos, e tirando um pouco da aura artística de Mojica. O cineasta tinha muito para ensinar aos militares quando se tratava de passar valores dominantes em um produto de massa, mas como se sabe, ele não foi o único a sofrer com isso: diversos artistas no Brasil passaram pelo dilema de ter que escolher publicar alguma obra com cortes pelos militares, ou abandoná-las; Mojica decidiu aceitar os cortes. Por esse motivo, o final não terá alguns pontos analisados, por tratarem-se visivelmente de interdição da ditadura.<sup>42</sup>

Considerando o contexto social em que se encontra a obra cinematográfica, ela se valoriza porque, ao cometer atos imorais e ofensivos, *Zé do Caixão* e seus valores não-tradicionais representam uma oposição à moral da época (aos valores pequeno-burgueses da classe média em geral), embora por outro lado o personagem fosse um ultraje às lutas feministas que estavam crescendo em todo o mundo, inclusive no Brasil.

Enquanto o primeiro filme iniciava com uma sessão de perguntas e respostas pseudo-filosóficas que apresentavam o personagem, é outro questionamento *kitsch* que inicia o segundo filme: “É a vida o tudo, e a morte o nada? Ou é a vida o nada, e a morte o tudo?” O que torna esse questionamento mais deslocado do que o do filme anterior, é o fato de não condizer com o personagem. Como um hedonista que não crê em vida após a morte, *Zé do Caixão* não poderia concordar com a vida ser o nada e a morte o tudo. Ele também se contradiz muitas vezes, ao fazer discursos pseudo-científicos sobre o homem superior, instinto e inteligência. Um outro exemplo de *kitsch* presente no filme, é na maldição que a mulher grávida roga a *Zé*:

Maldito seja todo aquele que, como tu, eliminar a vida humana. Desgraçado! Apesar de refugiar-se nos mistérios do tempo, que a minha maldição lhe alcançará. Jamais terás o filho que ambicionas. Em todas as encarnações, viverás à procura do teu sonho louco, impossível.<sup>43</sup>

<sup>42</sup> *Zé do Caixão* morria no lago, negando a súplica do padre, para que ele se convertesse. Ele morria dizendo “não creio” no final. O chefe da Secretaria de Censura, Augusto da Costa, escreveu o que deveria ser dito no final para passar pela censura: “Deus, Deus... Sim, Deus é a verdade! Eu creio em tua força! Salvai-me! A cruz! A cruz, padre. A cruz, o símbolo do filho...”. (BARCINSKI & FINOTTI, 1998)

<sup>43</sup> “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver”, 1967. De José Mojica Marins.



O discurso é feito enquanto as outras mulheres já morreram e essa, Jandira, está com uma cobra enrolada no corpo. A tranquilidade para amaldiçoar o personagem não condiz com a situação na qual está. E havendo tranquilidade, poderia esboçar ao menos uma tentativa de resistência à morte, ainda mais sabendo que está grávida. Além disso, Jandira diz que Zé do Caixão refugia-se “nos mistérios do tempo”, quando não há nenhuma menção sobre o tempo ou seus mistérios, esvaziando de sentido a frase. Zé só descobre que Jandira estava grávida bem depois, e começa a se desesperar quando fica sabendo que matou uma criança (mesmo que em estado de gestação).

O grotesco de Zé do Caixão, sempre presente, ganha uma presença física como personagem: Bruno, seu servo e capanga, tem uma corcunda (mal-feita esteticamente), anda curvado e tem o rosto deformado. E é exatamente com esse personagem que acontece a cena mais grotesca do filme: Zé do Caixão fala que vai matar todas as garotas que tinha seqüestrado, e só o que se ouve é um “não creio”, de uma das garotas, sem passar desespero algum. Mas quando, logo em seguida, Zé pede que Bruno escolha uma das moças para ele, de presente, há uma tensão, e a moça escolhida se desespera e começa a berrar. Uma outra, que vai defendê-la, diz: “solte-a, pelo amor de Deus, você é um sádico”. Muito mais emotivo do que o “não creio”, quando anunciadas suas mortes.

As mortes, nesse filme, como dito anteriormente, são acompanhadas musicalmente por “Tico-Tico no Fubá”, que Zé ouve em um radinho grudado no ouvido, o que parece acalmá-lo. Além disso, a cena das mulheres morrendo é intercalada com planos de beijos entre Zé e a sexta mulher, e mais tarde, a cena do funeral do irmão de Laura tem inserção de planos sensuais entre Zé e a garota, causando uma sensação de estranhamento. Tanto o deslocamento da música popular, usada como trilha sonora para as mortes, quanto a alternância entre cenas sensuais e cenas fúnebres, reforçam que o grotesco e Zé do Caixão caminham juntos.

#### **4.2.1 – Religiões e elementos populares brasileiros em “Esta Noite...”**

Além do já citado tema musical “Tico-tico no Fubá”, para as cenas de morte, o que mostra uma evidente ligação de Zé do Caixão com a cultura popular, o filme se inicia com uma música de capoeira, com um berimbau marcado, na apresentação das cenas de cemitério, com muitas velas (que remetem a religiões afro-brasileiras). Mojica utiliza outros elementos populares da cultura brasileira nesse filme, mas não têm a mesma densidade do primeiro; no entanto, é bom lembrar que no ano em que foi feito o

filme, a idéia de nacionalismo estava muito ligada aos militares, que já implicavam com o filme anterior de Mojica.

Logo no início, mostra uma cidadezinha rural, uma igreja, uma carroça, crianças brincando e uma roda de pessoas, onde dança uma cigana com um pandeiro. A mesma cigana aparece mais tarde no bar, com o mesmo pandeiro. Não diz nada, e diferente da cigana do filme anterior, não tem significado algum. Mas essa cena inicial mostra a alegria do povo, até quando Zé do Caixão chega, trazendo medo à população, que se recolhe, e uma senhora, ao vê-lo, se benze e diz “cruz-credo”. Zé chama o povo de ignorante, supersticioso e inferior.

O cemitério, local popularmente visto como área para sofrimento e dor pela perda de pessoas conhecidas, tem outros significados para Zé do Caixão: é no cemitério seu encontro-teste com Laura, misturando o lugar dos mortos com sedução; é para o cemitério que Zé do Caixão é arrastado por uma figura negra, e fica desesperado no local com o qual tem tanta familiaridade, desde o primeiro filme; mas Zé também sente a dor comum dos cemitérios, quando, sozinho, leva Laura, morta, a um mausoléu.

Essa mitificação do cemitério (muito ligada à religiosidade, à adoração e respeito aos antepassados) é novamente reforçada nesse filme: o personagem mostra-se à vontade no local inicialmente e insere nele um clima romântico, onde se encontra com Laura, moça alva, à noite, mostrando uma influência gótica, presente no romantismo da segunda geração, e seu lado grotesco; mas é o cemitério também o lugar onde, em seu pesadelo, abriga a entrada para o inferno, onde mãos saem da terra, e se misturam às velas (é a cena que, na apresentação do filme, tinha como fundo musical o ritmo de capoeira), mostrando que no inconsciente, Zé do Caixão teme tanto o cemitério quanto a população local; e mais tarde, é onde deixa a “mulher perfeita”, Laura, morta, quando está completamente desolado. Pode-se adicionar um significado social para Zé do Caixão, visto que o cemitério é peça fundamental para que o agente funerário ganhe seu dinheiro. Há uma guerra pelo significado do cemitério para Zé do Caixão, mas é importante ressaltar que, ao deixar Laura morta em um mausoléu, ele distancia-se do povo, dizendo à defunta: “Eles não vêm aqui. Têm medo! Têm medo!” As superstições do povo ainda deixam uma marca nesse filme, mas são bem menores do que em “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”. Outros personagens que representam bem o Brasil serão analisados na sessão de crítica social, onde se encaixam melhor.

Quanto à religiosidade, Zé do Caixão mostra-se um pouco mais influenciado pelas crenças populares nesse segundo filme. Comparado sempre com o diabo durante o

filme inteiro, questiona sempre, com o mesmo sarcasmo de “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”, o poder de Deus. Há poucas referências a religiões afro-brasileiras, uma marca de seus outros filmes, mas há uma seqüência incrível, que se destaca mais ainda por, em um filme preto e branco, ser a única parte colorida: trata-se da viagem de Zé do Caixão ao Inferno.

Zé continua com a simpatia ao Diabo<sup>44</sup> e um questionamento ácido da crença popular. Após salvar a criança do motociclista, este fala para Zé que “foi Deus que o enviou”, e ouve a resposta: “Deus? Por que não o Diabo? Fanatismo idiota.” A irritação foi causada porque, o motociclista, que estava errado e poderia ter atropelado a criança, não reconheceu que foi um homem que o salvou, e deu os créditos à salvação para Deus, algo imperdoável para Zé do Caixão. A ironia também está presente quando a população se reúne junto ao padre, e ele diz que o povo receberá ajuda divina para achar as mulheres, e um popular culpa Zé do Caixão por ele ser “parecido” com o demônio. Há um início de movimentação para ir atrás de Zé, mas ele aparece e amedronta o povo, e questiona: “Por que? Porque não tenho o mesmo credo? (...) Poderia ser qualquer um de vocês (...). Só as crianças são inocentes.”<sup>45</sup> Aponta para o preconceito que o povo tem dele, apenas por não crer na mesma coisa que eles, e com isso, prontifica-se a ajudar na busca. Logo depois, ele aparece em um quarto, com as mulheres seqüestradas, mostrando o cinismo do personagem e invalidando o questionamento.

Porém, se no exemplo acima o questionamento de Zé do Caixão perde valor, pois ele realmente está com as mulheres, o personagem destrói a crença na cena em que ameaça esmagar a cabeça do irmão de Laura. Zé diz que é a salvação da humanidade, pois luta pela raça que não despertou, que espera a ajuda de um Deus. “Se assim fosse, meu caro amigo, eu estaria aí, e você aqui” (agressor / vítima). Ele queima a corda que segura a pedra acima da cabeça da vítima, e diz: “Deixo-te na mão do teu Deus. Se ele apagar a corda, está salvo. Do contrário, boa viagem. (...) Se passares pelo Céu, manda lembrança aos anjos. Mas se teu fim for o Inferno, dá meu endereço ao Diabo!”<sup>46</sup> Utilizando-se de sarcasmo, ele questiona a fé do rapaz, pois, estando óbvia a posição dominante de Zé do Caixão nessa situação. Além de ser o agressor, quando o rapaz morre, Zé mostra a impotência de Deus em ações físicas e a inutilidade da crença, afirmando suas idéias, assim como fez com Antônio no filme anterior. Essa cena, de

---

<sup>44</sup> Como já foi dito, não deve ser visto como satânico, e sim como uma identidade opositora ao Deus do cristianismo, já que Zé do Caixão também não acredita em Diabo.

<sup>45</sup> “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver”, 1967. De José Mojica Marins.

<sup>46</sup> Ibidem.

grande poder questionador, além de esmagar a cabeça do personagem, esmaga a fé cristã, e passou despercebida pelos censores da ditadura, que colocaram, no final, uma fala fraca e contraditória com o personagem, como forma de reforçar os valores cristãos.

Zé do Caixão, no entanto, tem suas teorias enfraquecidas quanto à escolha da mulher perfeita, feita, principalmente, devido a suas posições em relação à religiosidade: “quatro são materialistas, filhas de ateus”; as outras duas se mostram indefinidas, mas uma não casou na igreja e a outra dizem ser uma mulher sem Deus. Zé discursa sobre o ser livre, que só pode nascer da união entre dois seres perfeitos, e o primeiro fator em importância que define a mulher perfeita é a ausência da religião, seguido por coragem e ausência de amor (mas presença de submissão a ele). Porém Laura, sua escolhida, engravida, mas perde o bebê e morre, derrubando a ideia de perfeição: mesmo sendo uma mulher descrente e de acordo com as ideias de Zé do Caixão, Laura não conseguiu dar à luz um filho do funerário, algo comum para mulheres, e considerado para o personagem como função essencial da mulher. Sua escolha de perfeição pela afinidade ideológica nesse filme, difere do primeiro, no qual Terezinha não concordava com suas ideias, mas era apta a ter um filho e foi estuprada por ele; com Laura, embora ela preencha todos os requisitos necessários para Zé do Caixão, tal escolha mostra-se inútil, pois não levou em consideração o fator principal para ele: a possibilidade de ter filhos saudáveis.

É quando Laura morre que Zé do Caixão surta, entrando em contradição consigo mesmo, ao dizer para o doutor: “Laura não morreu. O ventre de Laura é sagrado. Tem o filho do homem superior, que a humanidade precisa para ser salva”. Misturando um tom religioso a seu discurso, ao chamar o ventre de “sagrado”, e que dali sairia o filho que salvaria a humanidade, cria uma ligação imediata com o nascimento de Jesus Cristo, como é relatado no cristianismo. A partir de então<sup>47</sup> o personagem passa a ter provas de que o sobrenatural existe. Primeiro, Jandira aparece, em forma de espírito, repetindo a maldição; o personagem que não crê nisso, e poderia perceber-se apenas sugestionado, grita para a aparição que ela “não existe!”, aceitando assim, a existência dessa. Logo após, divaga na floresta, já entregue às crenças religiosas: “A quem pertence a terra? A Deus? Ao Diabo? Ou aos espíritos desencarnados? (...) Venham espíritos, se é que existem, e mudem meus pensamentos! Mostrem-me a verdade!” Então, uma árvore cai em cima dele, acertada por um raio. Diz que foi só um acidente, “capricho da natureza”,

---

<sup>47</sup> Zé do Caixão aparenta não estar mais tão certo de sua descrença quando é levado ao inferno, o que ocorre antes dessas cenas aqui descritas, mas ele tranquiliza-se quando fica sabendo da gravidez de Laura.

e ao correr pela mata encontra-se com um Padre, que tenta convertê-lo para que o povo desista de matá-lo. No entanto, Zé do Caixão não se rende e antes de morrer, pega a cruz do Padre e diz: “Deus não existe! Junte-se a eles e venha destruir-me!” Segura a cruz em frente a seu rosto e grita: “Eu não creio em Deus!”<sup>48</sup> E arremessa a cruz no povo. Sai correndo para o rio, e pede para ver a verdade, e corpos de suas vítimas começam a emergir. Ignorando o que está sendo dito, escrito pelos censores, percebe-se que mais uma vez Zé do Caixão estava enganado em relação a suas crenças.

Por último, uma das partes mais incríveis do filme, o Inferno. O filme “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver” é em preto e branco, exceto pela parte passada no Inferno, colorida. Escrita como um pesadelo, no qual Zé do Caixão é arrastado de sua cama até o cemitério por uma figura alta, magra e sem definição de rosto, e no cemitério é puxado, por mãos que saem das covas, ao Inferno. Lá, ele começa a ouvir vozes: “Salvem-me. Atenuem esse sofrimento. Errei demais! A vida tem uma lei!”. Essa fala mostra o arrependimento dos que não seguiam uma vida cristã, e antecede a mensagem do castigo dado a Zé do Caixão. Zé fica amedrontado, mostrando que suas provocações simpáticas ao Diabo não eram verdadeiras. Cabeças e pés aparecem no chão, teto e nas paredes, junto a outras partes do corpo, todos em movimento, e cai sangue do teto. Uma seqüência fantástica, com torturadores de tridente espetando as partes das pessoas que emergem do chão, parede ou teto; em uma cena aparecem diversas pessoas amarradas em cruces de cabeça para baixo, sendo chicoteadas, espetadas com tridentes. E embora ele não seja castigado fisicamente em nenhum momento que está no Inferno, essa passagem serve de alerta para a descrença no castigo para as maldades feitas em vida, o que acontecerá após a morte: “Trouxeram-me aqui para dizerem-me que estou condenado ao suplício do Inferno!”, grita Zé do Caixão, afirmando não só a existência do Inferno, como a condenação da alma, elementos da cultura cristã. Um fato interessante e contraditório é o choque de Zé do Caixão ao assistir as torturas do Inferno, visto que é reconhecidamente um sádico; deveria alegrar-se ao ver o espetáculo. Encontra-se com o que parece ser o Diabo (uma espécie de imperador romano<sup>49</sup>), e este o tortura psicologicamente (já que parece não ter poderes para machucar fisicamente o protagonista enquanto ele não tiver sua alma condenada), fazendo aparecer Jandira, repetindo a maldição da encarnação no cadáver, o que

---

<sup>48</sup> “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver”, 1967. De José Mojica Marins.

<sup>49</sup> O personagem também é interpretado por Mojica, e entende-se que Zé do Caixão estaria realmente ligado ao Diabo.

realmente o assusta e o faz acordar, e culpar os pais pela parte de seu inconsciente que ainda guarda as crenças de Céu e Inferno:

Não posso evitar a imperfeição de meus pais. As taras, o legado infame de um povo medíocre. Moral, costume de um povo. Apenas costume! Burgueses imbecis, tentando justificar a própria incapacidade. Tudo isso ainda vive em mim.<sup>50</sup>

Outro deslize da censura, que não percebeu que ao criticar os pais pela “ignorância” de crer em algo sobrenatural, colocava a religião como algo cultural, e não uma lei divina, expondo a construção da naturalização do cristianismo pela Igreja e pela sociedade em geral, pois é a religião dominante no Brasil. Infelizmente, a mensagem passada pelo filme, não só a escrita pela censura, mas também a intencionada pelo próprio Mojica, é de afirmação da fé e dos valores cristãos, tornando o filme defensor da religião e das crenças dominantes.

#### **4.2.2 – Papel Feminino e patriarcalismo em “Esta Noite...”**

Nesse segundo filme da trilogia, *Zé do Caixão* é muito mais machista do que no primeiro, valorizando mais a submissão feminina, e há um apelo maior para a sensualidade feminina. Isso fica claro desde a apresentação, quando aparecem cenas do filme com os créditos iniciais, e muitas cenas são de mulheres vestindo transparência, seminuas.

Ele incrementa sua obsessão de ter um filho: agora não basta ser uma mulher bonita e fértil a geradora de seu filho, ela precisa ser a mulher perfeita; precisa ser descrente, feito ele, ser submissa a ele e concordar com suas divagações sobre vida, morte e sobrenatural. Então *Zé do Caixão* rapta seis mulheres, e é interessante ver o modo que ele as rapta: uma mulher está sozinha em casa, o que alerta para o perigo de não ter um protetor; duas mulheres andando juntas à noite na rua, mostrando que não se deve andar sem um homem quando anoitecer; Jandira, a grávida, cujo marido está bêbado e a maltrata, entra em um quarto dizendo ir embora, pois não agüenta mais humilhação, e é seqüestrada, uma crítica à independência da mulher. Apenas uma se mantém calma, Márcia, a que será escolhida inicialmente por ele, por ser a mais corajosa, mas dispensada logo em seguida por amá-lo (e o amor corrompe a inteligência para *Zé do Caixão*).

---

<sup>50</sup> “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver”, 1967. De José Mojica Marins.

As mulheres são colocadas para dormir em um quarto, com pijamas transparentes, e a câmera passa por suas camas, e há uma invasão de aranhas, que percorrem partes dos corpos das meninas, com muitos closes de bundas, pernas e peitos. Só quem reage friamente a elas é Márcia, e Zé do Caixão ri do desespero das outras meninas, que mostram a fragilidade feminina diante de animais não-domésticos. Zé leva as “medrosas” para um laboratório de cientista maluco, e diz que não deixará a beleza das moças se estragarem, e nem que perpetuem uma raça maldita, ou seja, que tenham filhos de outros homens que não ele, mostrando posse de mulheres que ele sequer conheceu dignamente, seqüestradas por ele. Ele diz que libertará as moças oferecendo-lhes “a riqueza, a paz e a felicidade suprema”<sup>51</sup>, matando-as. Antes disso, pede a Bruno que escolha uma de presente, como já foi dito acima, e ao voltar com a garota morta, se desculpando com Zé, dizendo que o pescoço dela era fino demais, o patrão diz apenas “o presente era seu”, tomando o corpo da mulher como um objeto, posse de qualquer homem. Zé bate nas meninas que choram pela morte da outra: “não gosto de drama, lamúria”, reduzindo a isso a morte de uma mulher inocente, abusada animalescamente por um ser deformado. Da mesma forma que ele deu uma mulher a Bruno, demonstrando o poder masculino diante qualquer mulher, ele decide fazer um jogo grotesco de dominação e ironia: pede às garotas que escolham entre ácido, uma porta que dava a um lugar desconhecido, e Bruno. Todas escolhem a porta, e acabam trancadas na sala que será a de suas mortes. Quando faz Márcia assistir à morte das antigas companheiras, e a seduz enquanto as outras morrem, ela sente compaixão, pedindo que pare (mais um defeito dela, pelos princípios de Zé do Caixão); Zé diz que isso não é sadismo, e sim ciência. “A morte delas é para a raça superior”, responde o anti-herói, com um discurso que se assemelha muito com o nazista<sup>52</sup>, mas é contraditório, pois as mortas são as que foram pré-escolhidas diante da massa de mulheres da cidade, exatamente por apresentarem qualidades para ele, e as que ele sequer cogitou na seleção da futura geradora de seu filho, ele não matou. Refere-se às mulheres mortas como “essa sujeira”, quando pede que Bruno limpe a sala, jogando-as no rio. Zé também irá tornar Márcia um objeto sexual, quando pedir que ela seduza Truncador, o jagunço do Coronel, e peça para ele ganhar bastante dinheiro, para que

---

<sup>51</sup> Podemos ver aqui a mudança de sentido que Zé do Caixão dá à morte: para mulheres não classificadas para gerar um filho seu, é uma forma digna de aceitar a inutilidade da vida (volta aqui a classificação da mulher apenas como mãe, como foi visto no primeiro filme). Já a morte de Laura, sua escolhida mais tarde, é um tormento para ele.

<sup>52</sup> Mojica diz que o medalhão de Zé do Caixão representa quatro forças: os olhos de Rá; a mente de Buda; as mãos de Jesus; e a voz (discurso) de Hitler (pronunciado Ítler pelo diretor). MOJICA, 2008.

possa tê-la. Com isso, Zé mostra poder sobre a mulher, e faz ela tornar-se um corpo que só pode ser desfrutado mediante pagamento, colocando-se como um produto.

Zé encontra sua sétima mulher, Laura, a filha do coronel, e como um *bad boy*, entra de penetra em sua festa e a convoca para um encontro no cemitério. Ela aparece (com uma capa transparente e uma flor no cabelo, um estilo sensual-brega), e se mostra submissa a Zé do Caixão, e reproduzindo as idéias do funerário, mesmo que, sem motivo algum, este tenha colocado uma navalha em sua garganta: ela diz que matá-la “apenas abreviaria a única verdade da vida, que é a morte.” Ele faz uma bateria de perguntas a ela: “qual a tua crença?”, “o que existe de superior entre a vida e a morte?”, e a resposta de Laura para ambas é “você”; “o que queres da vida?”, pergunta Zé, e ela responde: “um filho nascido de dois seres perfeitos.” Zé diz que no momento oportuno, será dele, e caso se mostrar digna, será a mãe de seu filho. Aqui, mostra que a mulher perfeita precisa concordar completamente com as idéias do marido, e ser submissa, não importa se isso a colocará em perigo ou não. Mais tarde, morando junto com Zé do Caixão, Laura vê o marido atormentado e pergunta o que é, e ele, sem responder, irrita-se com a constância da pergunta, joga a mulher no chão e ameaça acertá-la com uma estátua, mas pára e pede desculpas. Laura, no entanto, levanta-se e diz “se assim procedestes, assim deveria ser”, colocando-se em um estado servil e humilhante. Posição diferente, no entanto, com os homens de sua família, quando Laura não se importava se o pai gostava ou não do que fazia, e enfrentava o irmão, que não gostava dos encontros dela com Zé do Caixão, e inclusive ameaça bater nela, mas não concretiza o fato. Ao mesmo tempo mostra uma mulher que não aceita ser mandada pelos homens da família, mas depois, mostra uma submissão, no qual a mulher antes questionadora das ordens patriarcais é “domada” por um marido, um homem que a “possui” e mostra a dominação masculina. Tanto que, ao apresentar complicações na gravidez, e o doutor dizer que só pode salvar uma das duas vidas, Zé não titubeia e diz para salvar a criança, pedido que é reforçado por Laura, sempre atendendo os pedidos do marido. Ao ver que não será mais possível, ela diz ao protagonista: “Eu tentei, Zé. Não me odeie. Perdoe-me.” Além de morrer, ela se mostra culpada por não dar a Zé do Caixão o que ele queria, e não cumprir com sua função de mãe.

Além disso, as crianças (tanto a sua criança não-nascida, quanto a criança não-nascida de Jandira, e as crianças em geral) são muito mais valorizadas neste filme do que no primeiro. Pode-se ver além da figura dominante e opressiva de Zé do Caixão, um “paizão” das crianças, pois preocupa-se com todas. Na cena em que Zé salva uma



criança de ser atropelada, ele diz ao motoqueiro: “Uma criança, seja ela qual for, é a coisa mais preciosa do universo. Cuide dela, senão nem teu Deus te livrará do Inferno!”. E enquanto observa-as brincando, diz para Bruno que as crianças são perfeitas, pena que cresçam e virem idiotas, “dominados pela fé na imortalidade do espírito”<sup>53</sup>.

As duas maiores perturbações de Zé do Caixão no filme também estão relacionadas com as crianças: primeiro, ele fica sabendo que Jandira, uma das mulheres mortas por ele, estava grávida; ele aceita normalmente matar diversas mulheres, mas não matar uma criança, mesmo que imperfeita, segundo sua crença. E depois, o seu filho, na barriga de Laura, que não sobrevive e ainda mata a mãe.

Quanto ao seu filho, assim que sabe que Laura está grávida, Zé diz, feliz, que será um homem, e Laura concorda com o marido. A esperança de ter um filho homem é mais um fator que degrada a mulher, pois é como se fosse melhor de alguma forma, ao dizer que o ser perfeito, esperado por Zé do Caixão, deve ser um homem<sup>54</sup>.

O filho é tão importante para Zé que, ao ser cercado por jagunços do Coronel, ele pensa: “Minha missão já está cumprida. Não preciso mais viver. Já tenho um filho para eternizar-me. Não. O nascimento ainda não se concretizou (...) Preciso defender meu filho.” E é pensar na proteção do filho que o faz reagir e matar todos, representando o patriarca, que tem a responsabilidade de cuidar de todos da família.

#### 4.2.3 – Crítica Social em “Esta Noite...”

Como já foi dito, o filme foi produzido, diferente do anterior, no período da ditadura militar brasileira, um período difícil para a cultura e para a população civil do país. E o opositor de Zé do Caixão no filme, coincidentemente, ou não, chama-se “Coronel”. Parece absurdo a censura não vetar o personagem ou mesmo o filme por causa disso, mas a explicação está no significado que tem a palavra “coronel” no Brasil: embora defina uma alta patente militar, a palavra também caracterizava pessoas que não possuíam tal título, mas por sua influência nas cidades do interior brasileiro, eram assim chamadas. Os coronéis eram, na verdade, latifundiários que prestavam serviços ao Poder Executivo, e por isso, dominavam uma certa região, falando aos moradores (muitos deles dependiam ou faziam algum tipo de trabalho ao coronel) o que deveriam fazer, e assim, usando de coação para satisfazer sua vontade. E como o filme de Zé do

<sup>53</sup> “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver”, 1967. De José Mojica Marins.

<sup>54</sup> Apenas como curiosidade, Zé faz outro discurso incoerente e *kitsch* nesse momento: “Meu sangue se eternizará. O homem perfeito irá nascer, e com ele um instinto doutrinado. Depois, o instinto dominará com a mente. O pensamento reinará, e o homem será imortal!”. O instinto doutrinado deixaria, então, de ser instinto.

Caixão se passa em uma cidade do interior, onde até a década de 60 era muito comum essa prática, fica associada essa imagem de coronel ao personagem do filme.

Truncador, outro personagem que se opõe a Zé do Caixão, é o capanga de Coronel, e em uma das primeiras cenas, onde o povo se pergunta pelo seqüestro das mulheres, Coronel defende Truncador, colocando-se em risco de ser preso<sup>55</sup> se ele fosse o culpado. Zé do Caixão aparece logo depois que o acusam, e ironiza: quando aponta para Truncador, fala para o capanga: “não, você não. A palavra do senhor Coronel responde por você.” Deixa claro então, que não importa se ele o tivesse feito, se o Coronel respondia por ele, nunca seria culpado pelas ferramentas do Estado, pois a autoridade local estava a favor de Truncador. E mais tarde, há uma desmoralização do Coronel com a população, quando Zé e Bruno armam para que Truncador pareça o responsável pela morte do filho do Coronel; embora ele saiba que o capanga não tenha matado seu filho, a população viu uma cena montada, e em nossa sociedade imagética, vale o que se vê: Truncador é preso. Mas novamente Mojica critica o coronelismo e o Estado em uma cena, onde, embora a polícia tenha colocado Truncador na prisão, o Coronel, de forma ilícita e sem sofrer punição alguma, liberta o capanga, e contrata outros para que levem Zé do Caixão para ele. Aqui, a autoridade do Estado não é forte o suficiente para barrar as vontades do Coronel, o poder paralelo vigente, e esse cria sua própria lei, e por conta própria, julga o caso. Embora estivesse certo nesse caso, pois Truncador era realmente inocente, a denúncia da fragilidade do poder estatal diante da entidade “Coronel” é perfeita.

Outra crítica é vista no fim do filme, quando Coronel fica sabendo que Truncador e os outros contratados por ele para matar Zé do Caixão morreram, ele usa seu último poder: incita a massa a pegar Zé do Caixão. Aqui há muito para analisar; primeiro, podemos ver o poder que o Coronel tem, e a influência sobre o povo menos instruído, que obedece às ordens dadas por pessoas mais ricas, que se diferenciam social e economicamente da população rural. Se no primeiro filme Zé do Caixão esbanjava dinheiro e poder, no segundo filme é o Coronel quem os possui. O segundo ponto é a força da massa: após os capangas do Coronel terem falhado em sua missão, e serem assassinados por quem deveria ser a vítima, o Coronel apela para a ajuda do povo. E é somente a massa, reivindicando seu direito de matar coletivamente<sup>56</sup>, que consegue

---

<sup>55</sup> Um falso risco, considerando-se o poder e a influência dos coronéis nas cidades, na época.

<sup>56</sup> Uma das formas que um povo tem para condenar o indivíduo, para Canetti, é o matar coletivamente; a outra é a expulsão da comunidade a um território hostil. (CANETTI, 1995)

deter o protagonista e encurralá-lo no lago. Zé do Caixão deixa o Coronel como vencedor e dominador da cidade, mas há elementos de resistência na história: Zé do Caixão ignora todo o dinheiro que recebe do filho do Coronel, e o usa para colocar Truncador na prisão. A burguesia acumula dinheiro, e jogar dinheiro fora era algo absurdo para quem se encontrava em um sistema capitalista que se fortalecia cada vez mais.<sup>57</sup> Além disso, a família, instituição muito destacada por sua importância durante a ditadura militar, teve sua pulverização nesse filme, e ironicamente, a mais afetada foi a família do “vencedor”, Coronel: embora tenha conseguido, com a ajuda do povo, “matar” Zé do Caixão, os filhos dele ficaram sob o poder do anti-herói; o filho foi brutalmente assassinado por ele, e Zé fez a filha do Coronel apaixonar-se por ele, homem que quebrava as regras sociais e morais. O fato de ela ter ficado grávida de Zé do Caixão, pode ser visto também como outra derrota da autoridade local, pois, em uma sociedade onde a virgindade da mulher é algo importante, quando a filha do homem mais poderoso tem relações sexuais com o inimigo do pai e assassino do irmão, fere a honra masculina da família, que sequer conseguiu proteger a mulher. E o que piora as coisas é que, após Zé do Caixão ter dito a Laura que foi ele quem matou seu irmão, ela diz ansiosamente, “quero ser tua!” Essa frase é dita durante o velório do irmão de Laura, e como foi descrito acima, há uma mistura de planos do velório e de insinuação sexual. Uma seqüência que detonava qualquer “moral e bom costume” da ditadura militar.

### **4.3 – A Encarnação do Demônio**

O terceiro filme da trilogia completa a saga de Zé do Caixão, que busca gerar o filho perfeito. Após passar 40 anos na prisão, Josefel Zanatas é libertado e recomeça sua busca pela mulher perfeita, para que possa eternizar seu sangue através de um filho. Caçado por dois policiais e um padre, por crueldades que ele fez antes de ser preso, Zé do Caixão rapta várias mulheres novamente, e sete delas, escolhidas segundo seus conceitos, engravidam dele. Mas no final, mais uma vez, o protagonista morre, assassinado por um padre.

---

<sup>57</sup> Mundialmente contextualizando, o filme foi feito em plena Guerra Fria, e em 1967 foi criada por Cuba a Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), para estimular a formação de focos guerrilheiros, e espalhar a revolução comunista no continente. Comunismo e Capitalismo travavam a batalha ideológica da época.

Esse filme tem alguns fatos complicadores da análise<sup>58</sup>, embora mantenha o personagem questionador das crenças da população e seu fim trágico, sempre ligado às religiões ou crenças que ele desrespeitou; mas a construção desse terceiro filme é mais complexa. No sentido da continuação da trilogia, a história, que já existia, precisou ser alterada, pois Mojica só conseguiu filmar 40 anos depois de “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver”, e como ele interpreta o personagem principal, foi necessário um envelhecimento do personagem também; Jece Valadão, que atuava como Miro, o antagonista de Zé do Caixão, morreu durante as filmagens, obrigando uma mudança no roteiro<sup>59</sup>, incluindo um outro personagem, irmão de Miro, que substituiria a oposição ao agente funerário; o roteiro foi feito por José Mojica e por Dennison Ramalho, e não só por Mojica como os anteriores, e a crítica social é feita de uma forma mais consistente.

Em “A Encarnação do Demônio”, Mojica falseia novamente o final do filme anterior. A cena em que, Zé do Caixão, no lago, pede a cruz ao padre, chamando-a de “o símbolo do filho”<sup>60</sup> e morre afogado, é substituída por uma outra<sup>61</sup>, onde Zé do Caixão pede a cruz ao padre, e quando este entrega a ele, Zé completa a frase: “me dê essa maldita cruz, padre... para que eu possa crucificar outra vez!” E começa a bater com a cruz no padre que o ajudou a sair do lago. Logo depois, cega um olho do policial que estava no local, Miro, que é o antagonista principal de Zé do Caixão no longa, passados 40 anos do incidente, usando um tapa-olho, elemento *kitsch* para caracterizar vilões, o que mostra uma outra mudança nesse último filme: Zé do Caixão não é, realmente, a personificação do “Mal” como era antes. Seus inimigos não são pessoas normais e bondosas, que têm suas vidas interrompidas pela crueldade do vilão / protagonista, e sim pessoas que cometem abusos, maltratam outras. No entanto, Zé do Caixão não abandonou sua perversidade contra os que nada fazem de mal, pois continua a matar inocentes, apenas juntou à sua violência gratuita um pouco de violência justiceira.

A preocupação com as crianças continua nesse filme, mas ganha sentido como crítica social, pela primeira vez, e será analisado adiante. E o início do filme, sempre com frases que não fazem tanto sentido, tem seu auge nesse terceiro, em um discurso

---

<sup>58</sup> Algo que não muda a análise, mas é fator de complicação para Mojica é o fato de este ser o primeiro filme com Zé do Caixão usando som direto, um problema para o ator, que troca o “l” pelo “r”, não fala plurais e comete outros erros de português.

<sup>59</sup> Porque Mojica não quis eliminar as cenas que Jece Valadão tinha gravado, e substituir o seu personagem por outro ator; ele manteve as cenas já gravadas e criou outro personagem, ligado ao de Jece, para filmar o que faltava.

<sup>60</sup> Fala criada pela censura da ditadura militar brasileira, já vista anteriormente.

<sup>61</sup> José Mojica chamou um sócio seu, Raymond Castille, dos EUA, para interpretar esse papel, pois precisava de alguém que fosse parecido com o Zé do Caixão de 1967. MOJICA, 2008.

em *off*, enquanto aparecem imagens diversas, inicialmente de partes internas do corpo humano, seguidas de ilustrações de seres grotescos, com imperfeições físicas, voltando depois para imagens de órgãos internos, e afastando-se, forma uma silhueta de corpo humano. Essa mistura abjeta de imagens é coberta pelo discurso:

Das trevas surge o oculto. O ventre imperfeito gesta a maior criação: um ser que desconheça qualquer limite. Apenas força e fulgor, ímpeto e desejo. A perfeição suprema em meio ao caos. Excesso que surge do completo vazio, para além de qualquer dor ou loucura. Mais alto que Deus, mais baixo que Satã. Poderosa, indômita, impiedosa, lasciva, livre. É preciso gerar essa criança, forjá-la na continuidade de meu sangue.<sup>62</sup>

O grotesco espetacular de Mojica está mais presente do que nunca nesse filme, principalmente nas cenas que envolvem tortura. Pessoas adeptas de *body modification*<sup>63</sup> na vida real foram chamadas para participar do filme, criando nas cenas de tortura um verdadeiro *freak show*; em uma cena, uma das mulheres escolhidas por Zé do Caixão joga queijo nas partes baixas de uma torturada e coloca um rato, que adentra o corpo da mulher fazendo um ato oposto ao de dar à luz; e na cena mais forte do filme, e de longe, a mais grotesca, Zé do Caixão depara-se com um porco enorme, morto, abre sua barriga com um facão e de dentro do porco sai uma mulher, nua e encharcada de sangue. Essa junção homem / animal, tortura / nascimento é puro grotesco.

E mostrando que aprendeu que não se deve dar um final absoluto ao personagem, para não precisar falsear o final no próximo filme, Mojica matou novamente Zé do Caixão, que foi inclusive enterrado no cemitério, onde suas sete mulheres grávidas vão entregar-lhe flores, mas um raio cai no túmulo, partindo-o, e aparece o rosto de Zé do Caixão, rindo, transparente, ao fundo. Um final *kitsch*, utilizando-se um efeito ultrapassado, e do ponto de vista do roteiro, desnecessário, pois dá um gancho forçado para um próximo filme, onde apenas as sete mulheres grávidas passariam a idéia de que ele não conseguiu ter o filho em vida, mas conseguiu dar continuidade ao seu sangue<sup>64</sup>. Além do mais, prova que Zé do Caixão estava errado, pois mesmo morto ele pode aparecer na forma de espírito.

---

<sup>62</sup> “A Encarnação do Demônio”, 2008, de José Mojica Marins.

<sup>63</sup> Arte que tem o corpo como objeto, e engloba tatuagens, *piercings*, inserção de placas de metal no rosto, pendurar-se usando anzóis para segurar seu corpo, marcar-se a ferro quente, etc.

<sup>64</sup> Mojica diz que o final coloca em questão se ele realmente está lá ou se um indigente foi colocado em seu lugar (MOJICA, 2008). Porém, o uso de transparência na imagem do personagem remete à sua alma, dando a idéia de que ele realmente morreu.

### 4.3.1 – Religiões e elementos brasileirosem “A Encarnação...”

Se Mojica mostrava nos dois filmes anteriores Zé do Caixão vivendo em cidades rurais, no terceiro filme, até mesmo pelo tempo passado, e por uma cidade rural não ser mais algo que mostre o cotidiano popular, ele vive em uma cidade grande: São Paulo. Mas sempre ligado ao povo, mesmo que seja para distanciar-se identitariamente deste, Zé do Caixão ao sair da prisão vai morar em uma favela. Mistura filme de terror com o cotidiano das pessoas do local e a violência sofrida por elas. E como veremos no outro tópico, na favela Zé do Caixão ganha papel duplo, de opressor e defensor do povo

Há duas personagens no filme, duas senhoras cegas, a quem Zé do Caixão se refere como “velhas”, representantes das religiões afro-brasileiras, que misturam, como a cigana do primeiro filme, macumba e bruxarias. Há uma cena, inclusive, onde as senhoras estão mexendo em um caldeirão, fazendo uma poção, um estereótipo das bruxas; mas em seu barracão há uma imagem de um pentagrama invertido com o rosto do Baphomet, de Eliphaz Levi, ligado ao ocultismo e ao satanismo, imagens de santos da umbanda, garrafas de cachaça, que são utilizados como oferendas aos santos, etc. Uma mistura de elementos, a maioria representante do “Mal”, no imaginário popular<sup>65</sup>. E embora haja essa confusão na representação das religiões afro-brasileiras, mostrando uma ligação delas com o “Mal”, pode-se ver novamente nesse filme que há uma afirmação de algumas crenças dessa religião, pois uma cena mostra a menina, sobrinha das velhas, recebendo uma pomba-gira e dançando seminua; logo depois, ela nega a crença na religião das tias, que acabaram de ser assassinadas por Zé do Caixão<sup>66</sup>, e ela resolve transar com ele no mesmo círculo em que recebeu a pomba-gira, ao som de uma batucada típica de macumba. E o momento, que deveria ser de profanação de um lugar sagrado, sem qualquer resultado, pois o personagem não crê nisso, acaba por afirmar esse, pois enquanto transam, a garota dá uma risada como se estivesse possuída, e começa a chover sangue, fazendo o galpão transbordar e cobrir Zé do Caixão.

Após afundar no sangue, Zé do Caixão encontra-se com um sujeito de cabelos brancos, usando uma túnica estranha, com aparência suja. Aparentam estar dentro do corpo humano, mas quando pergunta onde está, o sujeito diz: “No cerne de tudo. No centro do centro. Entre a verdade e a mentira. Entre o bem e o mal. Entre o caminho do

---

<sup>65</sup> Friso essa representação do “imaginário popular”, pois o dualismo cristão de “Bem” e “Mal” deturpa as divindades das religiões afro-brasileiras, sendo chamados de demônios por uns, principalmente quando não são adotados pela massa como santos protetores. Como exemplo, pode-se citar São Jorge e Iemanjá como divindades que não são demonizadas, ao contrário de Exu e Pomba-Gira.

<sup>66</sup> No velório das duas velhas, há uma moeda de ouro no olho de cada uma, tradição cigana.

tudo e a morada do nada”<sup>67</sup>. Essa oposição dualista característica de Mojica é dita antes de ele chegar a um tipo de purgatório onde as pessoas sofrem, algo semelhante ao inferno do filme anterior, porém muito mais grotesco<sup>68</sup>, com cenas de *body modification* a céu aberto: as pessoas peladas mordendo umas às outras, com destaque às mordidas nas partes baixas, como uma mulher, que arranca o pênis de um homem com a boca; uma mulher tem a boca e os olhos costurados; além do choque visual, há um choque simbólico, já que no local se encontram três pessoas crucificadas, o que remonta à crucificação de Jesus, até pelo local ser parecido com um vale meio desértico, e as pessoas que estão soltas comem as entranhas dos crucificados, o que o sujeito diz ser “rituais de purificação”. Não sabendo onde está, Zé pergunta se é o Purgatório<sup>69</sup>, mas o sujeito diz uma frase enigmática, colocando o corpo de Zé do Caixão no centro de tudo: “Veja, Zé. Abaixo, o Inferno! Acima, o Céu! Isso é você, Zé.” O protagonista começa a negar a afirmação, e o sujeito acaba por introduzi-lo a outro personagem, com feições masculinas, a Morte; o sujeito começa a beijar a Morte na boca, e o transe acaba. Mas fica a mensagem de que só houve o transe porque Zé do Caixão desobedeceu as “bruxas”, pois elas tentavam afastar sua sobrinha do desrespeitoso protagonista. Logo, mesmo Zé do Caixão tendo matado as duas mulheres fisicamente, a crença e o poder sobrenatural das tias da menina fez com que Zé do Caixão fosse castigado com uma experiência de afirmação daquilo que não acredita.

O sincretismo religioso típico do Brasil também está presente na figura de Miro, policial antagonista de Zé do Caixão. O personagem é muito ligado a Santo Expedito, e está sempre citando o santo durante o filme. Em uma das falas mais forçadas, quando Miro é avisado para não desafiar Zé do Caixão sozinho, ele diz:

Sabe o que é isso aqui? São meus escudos, rapaz, meus santos! Deixa eu dizer uma coisa para você. Eu sou católico, apostólico e romano (sic). Dizem por aí que eu sou idólatra, pois bem, eu sou idólatra sim, sou idólatra até o fim. Santo Expedito é soldado valente como nós, é guerreiro. Ele vai nos levar à vitória. Vamos para a desforra.<sup>70</sup>

A cena acaba com estátuas de São Jorge e Santo Expedito, que ele pega na mão, mostrando a fé que coloca nas imagens, e reforçando a idolatria às imagens, muito

<sup>67</sup> “A Encarnação do Demônio”, 2008. De José Mojica Marins.

<sup>68</sup> Grotesco chocante. Nesse filme, certamente estão as cenas mais grotescas de Zé do Caixão, e comparando-se ao filme de zoofilia *hardcore*, talvez as mais grotescas de Mojica.

<sup>69</sup> Local onde se purifica as almas que estão destinadas a ir para o Paraíso, na cultura cristã. É onde as almas são castigadas afim de obter uma preparação para verem Deus.

<sup>70</sup> “A Encarnação do Demônio”, 2008. De José Mojica Marins.

criticada por religiões protestantes, mostrando qual cristianismo está combatendo Zé do Caixão no filme, claramente o catolicismo, religião de José Mojica. Mas o fanatismo dos policiais, representantes do aparelho de repressão do Estado, e o castigo dado a eles, pode ser interpretado também como uma vingança aos censores da ditadura, incapazes de interpretar a mensagem de Mojica, vendo necessidade de explicitar o posicionamento cristão do filme. Essa crítica é deixada diversas vezes durante o filme, não só através desses personagens.

Já no final, quando Zé do Caixão se esconde no meio de brinquedos de um parque de diversões, ele diz a Osvaldo, que o persegue: “Quanto medo, capitão. São apenas imagens, bonecos inofensivos, como os que você e seu irmão cultuam, incapazes de fazer mal a uma mosca.” E Zé, que durante o filme todo é assombrado pelos fantasmas de suas vítimas, aproveita-se do sobrenatural nesse momento, quando Osvaldo está com a arma em sua cabeça, mas aparecem os fantasmas das crianças que o policial matou, distraíndo-o e dando tempo para Zé matar Osvaldo. Algo novo para o personagem, que sempre tinha seu final ligado à aparição de suas vítimas, e agora tem a sua salvação na aparição das vítimas alheias; mas ao mesmo tempo, essa cena tem a função de fazer o personagem perceber que estava errado com sua descrença, e que morreria se as almas não aparecessem.

O outro opositor de Zé do Caixão no filme, que se une aos policiais (Miro e seu irmão, Osvaldo<sup>71</sup>), é o padre Eugênio, mais um representante do catolicismo. Filho de uma das vítimas de Zé do Caixão no passado, ele pretende vingar-se de Zé no plano espiritual, condenando sua alma, com um livro de São Cipriano. A apresentação do personagem é boa, pois mostra-o na igreja, em um quarto, com fios elétricos ligados no mamilo, torturando-se ao som de cantos gregorianos, e aparece uma tatuagem em suas costas, com a mão de Zé do Caixão e escrito: Assassino, Ateu, Herege, Maldito, separando as palavras por cruzeiros. Mas assim como os outros antagonistas de Zé do Caixão nesse filme, o padre Eugênio é um personagem redondo, do ponto de vista do roteiro: o filme mostra que mesmo o padre tem suas obsessões, sente ódio, quer vingança física e espiritual.<sup>72</sup> Ele representa um fanatismo religioso, que muito já prejudicou Mojica em suas produções anteriores, e pode-se entender a obsessão do padre em matar Zé do Caixão como uma sátira aos religiosos da ditadura, que queriam

---

<sup>71</sup> Lembrando que Osvaldo foi criado para que as cenas já gravadas com Jece Valadão antes de sua morte não fossem cortadas do filme.

<sup>72</sup> Os outros personagens, policiais, ganham características próprias além da identidade dada pelo seu ofício.



“matar” o personagem; tanto é que a atuação do padre tende para o pastelão em alguns momentos. É também interessante o uso do livro de São Cipriano pelo padre Eugênio, pois esse santo, contraditório na cultura popular, era um homem dedicado a ciências ocultas que converteu-se ao cristianismo e foi canonizado. Porém, o que mais lhe deu fama foi o Livro de São Cipriano, um compilado de magias escrito antes de sua conversão, muito usado pelas religiões afro-brasileiras. Esse dualismo do “Bem” e “Mal” representados pela figura de São Cipriano representa bem os filmes com Zé do Caixão: a vitória do “Bem” sobre o “Mal”, mas um passado com uma forte marca da malevolência, mais lembrada no imaginário popular do que o final reconfortante.

Mas como nos outros filmes, não pode faltar provocações ao cristianismo. Na cena em que as crianças estão sendo enterradas, o padre que faz o enterro diz: “Esses são os caminhos do Senhor. Deus tira e Deus dá.” Um homem questiona essa “vontade divina”:

Perdão, padre. O que foi que o senhor disse? Que Deus quis? Quer dizer que um bando de assassinos invade o nosso bairro, metralha os nossos filhos, e o senhor disse que Deus quis isso? Gente, é Deus que quer que a gente morra? Ou é a capa preta desse Zé do Caixão que veio para cobrir a nossa vida de desgraça?<sup>73</sup>

Exceto pelo desvio para Zé do Caixão<sup>74</sup> no final do discurso, mostra uma percepção contra o conformismo cristão, que aceita tudo o que acontece como vontade de Deus. E o que mais chama atenção na cena é que o questionamento da vontade divina não parte de Zé do Caixão, e sim de uma pessoa da multidão, sendo que o povo é usualmente mostrado como defensor da cultura cristã. Zé responde ao ataque mandando que negociem com “o seu Deus enquanto eu cuido dos meus cadáveres”. Em outra cena, uma doutora reproduz o discurso de Zé do Caixão na TV, quando perguntada sobre a fórmula da eternidade: “O sangue tem as chaves da vida. Não eu. Nem Deus. Em nome do obscurantismo, a ignorância e a religião já silenciaram diversas vozes, inclusive no Brasil. A minha não será mais uma.” Aqui, além de a personagem ser uma doutora que aparece na TV, o que legitima cientificamente para a população o discurso de Zé do Caixão, ao mesmo tempo Mojica alfineta os antigos censores que o calaram e o fizeram

<sup>73</sup> “A Encarnação do Demônio”, 2008. De José Mojica Marins.

<sup>74</sup> Em “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver” há uma cena semelhante, onde o padre tenta confortar a população com a justiça divina, e um popular diz que a culpa é do Zé do Caixão porque “ele se parece com o demônio”. A diferença, positiva para o personagem, é que em “A Encarnação do Demônio” ele realmente não tem culpa, e inclusive vai lutar até o fim para punir o responsável pela tragédia, e no filme anterior ele era realmente o culpado.

cortar e alterar cenas. Nas cenas de tortura há também provocações e referências cristãs, como um homem pregado em um pedaço de madeira, e obrigado a caminhar pelo galpão, carregando-o; e uma mulher que grita “Deus!”, e Zé diz que ele não foi convidado para a festa.

O final do filme não podia ser diferente: uma luta entre o padre Eugênio e Zé do Caixão; o padre abre seu cetro e ele vira uma arma branca, com uma lâmina em uma ponta e uma cruz na outra. Zé pega seu facão e, cutucando novamente a religião, diz: “Que seja a Trindade contra o Tridente!”<sup>75</sup> O padre vence, enfia o cetro no coração do protagonista, e enquanto faz a oração de São Cipriano que mandaria a alma de Zé do Caixão para o inferno, a cruz aparece na tela, cravada no peito de Zé. Termina a oração tacando um líquido em Zé do Caixão, e dizendo “morre, filho da puta!”. Uma junção do profano e do religioso, característico desse personagem. O padre morre no final, assassinado por uma menina, que Zé do Caixão esnobava por não ser ainda mulher. Após matar o padre, ela corre para Zé, que está no chão, atingido, e transa com ele, ligando assim a morte do padre a uma excitação sexual. O ponto positivo desse tópico nesse filme é que o velho dualismo de Mojica dá lugar a uma luta entre pessoas com crenças diferentes, onde o motivo principal do padre para matar Zé é por vingança familiar, e não há vitória absoluta: o padre vence, matando Zé do Caixão, mas ele é assassinado por uma das mulheres do protagonista, e nesse ponto, Zé é o vencedor.

Ambos morrem como vencedores, tendo completado seus respectivos objetivos: o padre matou Zé do Caixão e o sentenciou ao inferno; Zé conseguiu engravidar as mulheres, e mesmo moribundo, conseguiu transar e fazer o sétimo filho. Parece que o final, não tão negativo para o personagem, e punitivo para o padre também, tem uma intromissão de Dennison Ramalho, pois Mojica é mais parcial do que isso quando se trata de religião.

#### **4.3.2 - Papel Feminino e patriarcalismo em “A Encarnação...”**

Nos filmes anteriores, Zé do Caixão reinava absoluto nas crueldades contra as mulheres, classificando-as apenas como dignas ou não de gerar seu filho, o que lhe daria a eternidade através da continuidade do sangue, e as mulheres tinham que ser úteis a ele, pois as que não eram tornavam-se descartáveis. Por se passarem em um momento que o

---

<sup>75</sup> Nas cenas do parque fica mais visível a capa de Zé do Caixão, que aparece com o símbolo de Exu na umbanda, um tridente.

movimento feminista ainda está crescendo mundialmente<sup>76</sup> como uma afronta à sociedade, mas essa ainda é muito patriarcal, os dois primeiros filmes mostram a mulher como um sujeito frágil, e alguns maltratos de maridos e familiares; há uma caracterização da mulher como obediente e servil, e quando descumprem isso, acabam sendo punidas no filme. Mas nenhum dos personagens secundários que têm atitudes machistas em relação às mulheres chega a ser considerado tão cruel, sendo ofuscados pelos atos extremos de *Zé do Caixão*, e porque embora houvesse um movimento feminista, em 60 ainda era muito forte o patriarcalismo na sociedade brasileira. Mas em 2008 o contexto é outro: a mulher é muito mais independente do homem e consciente de seus direitos, e certas atitudes aceitas há 40 anos atrás, hoje são incabíveis<sup>77</sup>. E mesmo assim, é somente nesse filme que *Zé do Caixão* não é o único opressor das mulheres: além de deixar que suas escolhidas torturem outras mulheres raptadas, o policial Miro rouba a cena nesse assunto.

Miro, que ficou cego de um olho por causa de *Zé do Caixão*, fica sabendo que a advogada que defendeu e conseguiu soltar *Zé* da prisão foi sua mulher. Ele vai até seu escritório, junto de outros policiais, chamando-a de vadia, cadela e vaca, pois ele teme o que o “pessoal da corporação” vai achar quando souberem que foi a mulher dele que soltou *Zé do Caixão*. É como se a mulher não pudesse fazer seu trabalho se esse contrariasse a vontade do marido. E por causa disso, Miro pega um cacetete (objeto fálico) e acerta no joelho de sua mulher, que cai, e em seguida, é espancada por Miro e pelos outros dois policiais, todos usando cacetete.

Quanto ao direito que *Zé do Caixão* tem sobre as mulheres, há um ponto confuso nesse filme: a escolha das mulheres, que parecia ser mais elaborada do que nos filmes anteriores, buscando primeiro uma afinidade de idéias, em uma parte do filme o grupo de *Zé do Caixão* sai raptando mulheres aleatoriamente e as colocando sob diversos tipos de tortura. Isso é feito enquanto *Zé do Caixão* já tem um grupo de mulheres que concordam com ele. Parece um furo no roteiro, apenas para mostrar o poder que ele tem sobre as mulheres (qualquer mulher na rua), e o quão elas são descartáveis quando não passam em seus testes, mas também um modo de aumentar as cenas de tortura. E essas

---

<sup>76</sup> Embora no século XIX tenha começado a surgir reivindicações feministas, era um movimento mais concentrado nos EUA e na Europa, principalmente na Inglaterra; só na década de 60 e 70 que o movimento ganhou mais popularidade e adesão mundial.

<sup>77</sup> Não quer dizer que o machismo esteja extinto, pois está bem longe disso. Ainda hoje há preconceito contra mulheres sem parceiro fixo, mas sexualmente ativas, o que não ocorre com homens em igual estado; as mulheres ainda lutam por igualdade salarial em certas profissões, e sofrem preconceito quando fazem atividades tradicionalmente masculinas; e ainda vemos a exploração da sensualidade feminina em diversos meios de comunicação.

torturas não são feitas apenas pelo protagonista, mas a maioria é feita pelo grupo de Zé do Caixão, inclusive as mulheres, que colocam as vítimas apenas de calcinha em celas, e as mergulham em sangue, barata, marcam a ferro, etc. A sensualidade da mulher não deixa de ser explorada nas cenas violentas, onde a maioria aparece seminua. E a violência não fica só no físico: enquanto afunda a cabeça de uma policial em um tonel de baratas, Zé grita: “Ordinária, vadia! Sofra, maldita!”<sup>78</sup> Em nenhum momento é passada alguma característica da personagem que a fizesse, de alguma forma, merecer esses xingamentos.

Mesmo tendo um antagonista tão machista quanto ele (Zé do Caixão mata a mulher de Miro após saber que ela contou para o policial onde ele estava), Zé não deixa seu posto de lado, e continua a desvalorização da mulher. A doutora que aparece na TV dando um discurso parecido com o dele, já descrita no tópico anterior, é raptada por Bruno, e embora ela seja uma pessoa com estudo, e uma autoridade científica tratando-se de genética, isso não basta ao protagonista, que a tortura, e faz a doutora ser submissa a ele, pois somente assim ela seria digna de tornar-se mãe de um filho dele. Zé chama a doutora de “belo espécime”, faz com que ela renegue a beleza e coma da própria carne (e para não deixar o grotesco de lado, Zé arranca uma parte da nádega dela). Transforma a mulher em um objeto, e depois, em um animal de estimação que obedece a tudo o que seu dono manda; é degradante para a mulher ver uma pessoa publicamente conhecida por seus trabalhos científicos submeter-se a um louco, humilhando-se e deformando seu corpo por uma vontade insana dele. Em nenhum momento Zé do Caixão mostra interesse nas pesquisas da doutora, que muito poderiam ajudá-lo a autenticar cientificamente suas idéias; ele menospreza seu trabalho.

Continuando com o fetiche masculino de ter todas as mulheres querendo e implorando sexo com ele, em uma das cenas, uma das garotas fica nua para Zé e pede que ele faça um filho com ela. Ele passa as unhas nos peitos e na bunda da garota, e diz que ela é apenas uma menina, não uma mulher. Respeitando uma convenção social, contra a pedofilia, Zé do Caixão mostra um pouco de consciência moral e nega-se a transar com uma menina, mas o instinto está presente, pois as mãos dele percorrem o corpo dela enquanto diz isso. Será a mesma menina que montará em Zé do Caixão e o fará transar pela última vez, quase morto. Como ele não está plenamente consciente nessa cena, e é a garota quem domina a situação, o personagem fica isento de uma culpa

---

<sup>78</sup> Curiosamente, é a atual mulher de José Mojica Marins, Leny Dark., a mulher ofendida.

por transgredir essa norma. E nas cenas de sexo com as mulheres, onde as únicas que aparecem são exatamente as mais novas (a filha do dono do bar e a sobrinha das cegas), há novamente uma exploração do corpo da mulher: as mulheres encontram-se sempre peladas, enquanto Zé do Caixão fica totalmente vestido durante o ato sexual. Poderia-se dizer que foi um ato de bom senso, pois o ator já está com idade avançada, e o corpo não está dentro dos padrões de beleza, mas essa hipótese pode ser derrubada facilmente por dois argumentos: o primeiro porque nos filmes anteriores as transparências e os peitos sempre foram utilizados para mostrar a sensualidade das mulheres, enquanto ele sempre aparecia vestido; segundo, é que bom senso não é algo tão presente nesse filme, onde o grotesco impera em cenas surreais, e seria apenas mais uma cena chocante.

E para finalizar a submissão das mulheres, as sete escolhidas aparecem grávidas, e parecem conviver bem entre si, pois todas visitam, juntas, o túmulo de Zé do Caixão. Mesmo após a morte, ele demonstra um poder sobre as mulheres.

#### **4.3.3 – Crítica Social em “A Encarnação...”**

Mais consistente do que nos dois primeiros filmes da trilogia, a crítica aos aparelhos do Estado e ao caos urbano enriquecem “A Encarnação do Demônio”. Como já foi dito, a mudança de Zé do Caixão para uma favela de uma cidade grande, saindo do meio rural de antes, provoca uma mudança no personagem: ele vê as injustiças provocadas pela polícia e tenta ser o justiceiro do povo, ao mesmo tempo em que precisa escapar da hostilidade do poder paralelo daquela região, e da desconfiança do povo, crentes de que Zé do Caixão traz azar à comunidade. Em uma das primeiras cenas da favela, ao tentarem extorqui-lo e ameaçarem-no em um bar da região, e reagir com violência, Zé é avisado de que precisa respeitar o proceder da comunidade. Ele também vê crianças cheirando cola, algo abominável para o personagem, e isso já mostra o descaso do Estado com as crianças de rua. É nesse contexto que o personagem está inserido, dividindo com a polícia as crueldades no filme.

A crítica ao aparelho de Segurança do Estado está presente em todo esse filme: na prisão, todos os policiais têm medo de Zé do Caixão, e contam com a boa vontade dele para haver paz na sua saída da cadeia; é como se o Estado nada pudesse fazer contra o representante do “Mal”, a força do Homem nada vale contra o sobrenatural. Além disso, diante um delegado amedrontado, Zé ironiza: “O seu sistema me prendeu. O mesmo sistema que está me libertando. E você não pode fazer nada! Inferior! Você e todo o seu mundo, que não são capazes de dar uma solução nem para quem pode

destruí-los.” Aqui mostra-se a falha do Estado, cuja Justiça incoerente liberta quem deveria continuar preso, pois é ameaça para a população. E pode-se entender como um ataque a todos os casos absurdos que acontecem no país, onde pessoas que roubam por necessidade passam mais tempo na prisão do que assassinos com dinheiro para pagar um bom advogado.

Ao sair da cadeia, começa a crítica à instituição mais denunciada no filme: a polícia. Um carro da polícia atropela Zé do Caixão, e o policial, que deveria proteger o cidadão, fala para ele: “Quer levar um caroco, quer? Escroto! Que ‘cê’ quer? Vá te foder!”, demonstrando a falta de respeito e de preparo de alguns membros dessa corporação para lidar com as pessoas; ele estava errado por atropelar um cidadão, e ainda usa de sua autoridade para humilhar o civil, ato comum em grandes cidades. E é esse mesmo policial, Osvaldo, que vai dar sentido à preocupação que Zé do Caixão tem com as crianças: em uma incursão na favela, quando é visível o medo dos moradores de que a polícia mate inocentes, o policial encontra crianças brincando e diz: “Lição número um: segurança para a população, economia para o Estado”, e atira em duas crianças. Ao perseguir uma criança negra que fugiu da execução, Osvaldo é observado por Zé do Caixão. Há uma brincadeira com a religião novamente, quando Osvaldo encurrala a criança, aponta a arma para ela e diz: “Correu muito, hein, vagabundo. Agora vai, começa a pedir perdão a Deus pelas tuas cagadas, que essa vai ser a tua extrema unção.” O policial está fazendo o contrário do que é esperado de um posto que deve proteger e dar segurança à população; se coloca como um justiceiro divino, e não satisfeito, dá a si mesmo uma autoridade religiosa, já que a extrema unção é um sacramento da igreja católica. Mas ele não chega a matar a criança, pois Zé do Caixão aparece, coloca uma faca em seu pescoço, e pergunta se o que ele fazia era justiça, e o capitão responde: “toma cuidado que eu sou autoridade”, valendo-se disso para fazer o que bem quer, e Zé do Caixão, mostrando-se como defensor dos oprimidos, corta levemente a garganta de Osvaldo, e foge, pois mais carros da polícia aparecem. E é essa a caracterização da polícia no filme: um grupo de pessoas covardes que busca sempre descontar nos pobres sua ira. No enterro das crianças, Zé do Caixão aparece com as mãos sobre os caixões, mostrando respeito, e não banalizando a morte, costume do personagem.

Em outro momento, quatro policiais cercam Bruno, chamando-o de “aleijado”<sup>79</sup> e espancando-o, e perguntam onde está Zé do Caixão. Eles estão tão concentrados batendo no servo de Zé que não percebem a chegada dele ao carro da polícia, seqüestrando a mulher de Miro, que estava sob “proteção” policial, e virando o jogo, Zé do Caixão consegue levar os policiais a seu galpão, para torturá-los e matá-los, invertendo a posição de autoridade. Quando está chicoteando as policiais, presas na sua frente, Zé diz: “torturadoras profissionais, acabarei com as duas!”, mostrando a visão negativa que o personagem tem da polícia. Os policiais são todos mortos por Zé do Caixão.

Uma outra crítica presente no filme está na junção do Estado com a Igreja, que como foi dito acima, trouxe problemas para Mojica na época da ditadura: a união entre o padre Eugênio e os policiais Miro e Osvaldo; as imagens de santo na mesa de Miro; as falas religiosas dos policiais, etc. A junção do padre e dos policiais começa com uma crítica a outro poder: a mídia; padre Eugênio ouve no rádio a notícia de que Zé do Caixão voltara a atacar, e que a primeira vítima “é um fiel servidor público, o valoroso Capitão Osvaldo Pontes”. Mostra o reforço da mídia às autoridades, e ao mesmo tempo a falta de apuração dos jornalistas, que chamam de “valoroso” o policial que matou duas crianças inocentes no dia anterior.

E pela primeira vez nos três filmes, o preconceito contra Zé do Caixão ganha um sentido em parte negativo: se nos filmes anteriores o personagem sempre estava errado, fazendo alguma crueldade, não tinha nenhum antagonista que fosse tão cruel como ele, e era compreensível o povo posicionar-se contra o protagonista, nesse filme não era tão simples. Embora tenha matado as duas velhas cegas sem motivo aparente, no velório delas um morador da região diz a outro que fez um acordo com o “capitão safado”, referindo-se a Osvaldo: basta que entreguem Zé do Caixão que a polícia deixaria a comunidade em paz. O problema nesse acordo seria que o capitão Osvaldo iguala-se na imoralidade com Zé do Caixão, pois mata crianças inocentes acreditando estar fazendo a segurança do Estado; Zé, que tentou defender as crianças da comunidade poderia ser igualmente chamado para expulsar a polícia da área, mas até mesmo o povo que sofre com os abusos de autoridade, talvez por influência da mídia, como foi mostrado anteriormente, mostram uma maior confiança na autoridade do Estado.

---

<sup>79</sup> Os policiais demonstram uma falta de respeito às pessoas durante o filme inteiro, destacando o abuso de autoridade e despreparo dos mesmos.

No final, Estado, Igreja e Zé do Caixão derrotados, embora a Igreja tenha alcançado seu objetivo, mandando a alma de Zé para o inferno; Zé do Caixão conseguiu engravidar sete mulheres, dando assim, continuidade ao seu sangue; e o Estado, o verdadeiro perdedor, teve alguns de seus representantes assassinados pelo protagonista, mas não teve seu sistema desmascarado publicamente, permitindo que um novo ciclo de policiais assassinos surja, com o apoio da mídia.

Nesse filme, Zé do Caixão além de conseguir perpetuar seu sangue, quem diria, deu uma lição de moral em servidores que deveriam ser bom exemplo de cidadania. Embora mantenha uma defesa do cristianismo, é mostrado que há desvios nas autoridades religiosas, e as críticas religiosas não perdem seu valor quando o padre mata Zé do Caixão, pois ele também morre; e embora o padre Eugênio tenha fincado um cetro com uma cruz no coração de Zé do Caixão, o sexo feito após o golpe, com a menina que matou o padre e tirou a cruz do peito de Zé, favorecem o protagonista. Comparando com os outros filmes de Mojica, esse é o que representa mais a revolta contra a ideologia vigente, criticando e questionando tanto Estado quanto Igreja. Muito mais subversivo do que os anteriores, o maior erro do filme é não dar a devida importância às mulheres, diminuindo-as a experiências sexuais de Mojica, mas como representação do Brasil, o país das bundas, Mojica está no caminho certo.



## 5 – Conclusão

Finalizado o trabalho, pode-se perceber que há elementos de resistência nos filmes de Mojica que apresentam Zé do Caixão, mas que o reforço à ideologia hegemônica é mais forte. Além do que há uma grande diferença entre os dois primeiros filmes, “À Meia-Noite...” e “Esta Noite...”, mais primitivos e apresentando menos elementos de resistência do que “A Encarnação do Demônio”. No entanto, é no último filme, com roteiro mais bem desenvolvido, que aparecem cenas de tortura que nada têm a ver com a história, onde Mojica aproveita o dinheiro que recebeu para fazer o filme, para filmar cenas visualmente chocantes, mesmo que gratuitas e não acrescentem nada ao texto.

Após “A Encarnação do Demônio”, José Mojica finalmente teve um reconhecimento merecido no Brasil, pelo seu trabalho como cineasta, e justamente no seu trabalho menos maniqueísta, mostrando que, a partir do momento em que se faz um roteiro mais inteligente, com personagens menos estereotipados, com um conflito interior consistente, pode-se fazer um filme de terror sem sofrer preconceito por isso.

Como opção para futuras pesquisas, pode-se fazer uma comparação entre o cinema de Mojica e os vídeos de Peter Baiestorff, da Canibal Filmes. Essa produtora catarinense faz vídeos anárquicos, debochados, com humor negro e erotismo (mas tanto o corpo da mulher quanto o corpo do homem estão em evidência nesses filmes). As críticas à Igreja e ao Estado estão sempre presentes, além da loucura e do surrealismo, criando um grotesco poético. E embora a obra de Peter Baiestorff contenha cenas fortíssimas de violência e de escatologias, não é superficial como o grotesco chocante de Mojica: é contestador, as imagens abjetas unem-se às críticas à sociedade, e representam a putrefação do ser humano. E é muito comum nos filmes da Canibal os homens que buscam explorar as mulheres terem um péssimo final, mesmo os nomes dos filmes usando palavras que denigrem a mulher, uma banalização de palavrões com o intuito de chocar já pelo nome. Geralmente pessoas excluídas da sociedade (psicopatas, necrófilos e outros tipos de doente mental) têm um final feliz, o que é uma grande sátira para a sociedade atual, e mesmo quando os poderosos acabam bem, não é sem mostrar suas perversões, mostrando uma negatividade da autoridade.

Chamando a atenção para o conteúdo de filmes *trash* e seu lado conservador, esse estudo pretende focar na conscientização do público quanto às mensagens

passadas<sup>80</sup>, principalmente desconstruindo a ideologia escondida, que causa a aparente naturalização de regras morais e sociais. O campo da arte é onde se tem o espaço livre para transgredir tais normas, e em uma sociedade imagética como a nossa, o cinema e os vídeos têm grande poder de influência. Quando usados para reforçar certos elementos dominantes, apenas ajudam a naturalizar cada vez mais as construções sociais, feitas com o intuito de permanecerem escondidas da maior parte das pessoas, mantendo assim a ideologia.

Além de esclarecer a mim mesmo, como roteirista e produtor de vídeos, quanto aos diversos pontos de conformismo que podem estar presentes em um filme, a análise deve servir também como alerta a novos produtores de material audiovisual que pretendem atacar a hegemonia: ao adotar uma postura de oposição à ideologia vigente, tomar cuidado para não reforçá-la através de alguns temas.

É interessante deixar claro que há muito ainda a ser analisado, não apenas sobre *Zé do Caixão* e hegemonia, como sobre filmes *trash*, que salvo raras exceções (como os filmes da Canibal Filmes<sup>81</sup>), apresentam uma estética aparentemente contestatória do padrão moral vigente, mas que na verdade, reforçam esse, utilizando-se de elementos subversivos para chamar a atenção de um grupo de pessoas, geralmente jovens (CASTELLANO, 2006), e passar idéias conformistas a eles. O uso de humor negro, violência, excesso de sangue, e outros artifícios, buscam dar o entretenimento ao público que deseja ver isso, e enquanto a platéia assiste, hipnotizada, a imagens espetaculares, o conteúdo do texto leva-o a um final feliz e conformista, assim como *Zé do Caixão* faz. Seria um público fazendo uma leitura resistente, aproveitando-se dos elementos contra-hegemônicos; ou seriam, como *Mojica*, cordeiros em pele de lobo, vibrando a cada reafirmação ideológica? Apenas um outro estudo para responder essa pergunta.

E mesmo com toda a discussão sobre disputa ideológica nos filmes de *Mojica*, que contêm resistências ao sistema, principalmente quanto à sua estrutura econômico-social, mas mantêm a hierarquia dos sexos e reproduz as idéias religiosas que sustentam o sexismo e o sofrimento do povo para obter sua recompensa somente após a morte; *Mojica* é realmente o cordeiro, e *Zé do Caixão*, sua pele de lobo.

---

<sup>80</sup> Independente da “leitura de resistência” (HALL, apud KELLNER, 2001) feita pelas pessoas.

<sup>81</sup> Devido ao conteúdo de seus filmes, Peter nunca recebeu patrocínio para seus vídeos, de baixíssimo orçamento, e continua gravando com o dinheiro que consegue vendendo os DVDs de seus filmes em eventos que vai: R\$ 10 o DVD simples e R\$ 15 o duplo. Até mesmo a distribuição é feita de forma alternativa.

## 6 – Referência Bibliográfica

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: HUCITEC, 1993.

BARCINSKI, André e FINOTTI, Ivan. *Maldito: a vida e o cinema de José Mojica Marins, o Zé do Caixão*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTELLANO, Mayka. *Reciclando o “lixo cultural”: uma análise sobre o consumo trash entre os jovens*. Monografia de final de curso. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. Dezembro de 2006.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 2008.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

GRUPPI, Luciano. *O Conceito de Hegemonia em Gramsci*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

HALL, Stuart. *Identidade cultural*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997.

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. Prefácio de *Cromwell*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LINS, Regina Navarro. *A cama na varanda – arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Nietzsche – Obras incompletas*, coleção “Os Pensadores”, tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MOLES, Abraham. *O kitsch: a arte da felicidade*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Ed. Vozes, 1972.

SODRÉ, Muniz e PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SONTAG, Susan. *Notas sobre o camp*. In: *Contra a interpretação*, p. 318-337. Porto Alegre: L&PM, 1987.

## 7 – Referência Filmográfica

ARROMBADA! Vou mijar na porra do teu túmulo! De Peter Baiestorff. Palmitos: Canibal Filmes. 1 DVD (87 min).

DELÍRIOS de um Anormal. De José Mojica Marins. São Paulo: Cinemagia, 2008. 1 DVD (83 min).

ENCARNAÇÃO do Demônio, A. De José Mojica Marins. São Paulo: Fox Film do Brasil, 2009. 1 DVD (94 min).

ESTA Noite Encarnarei no Teu Cadáver. De José Mojica Marins. São Paulo: Cinemagia, 2008. 1 DVD (107 min).

ESTRANHO Mundo de Zé do Caixão, O. De José Mojica Marins. São Paulo: Cinemagia, 2008. 1 DVD (80 min).

EXORCISMO Negro. De José Mojica Marins. – Baixado da Internet: nunca saiu em DVD ou VHS.

FINIS Hominis. De José Mojica Marins. São Paulo: Cinemagia, 2008. 1 DVD (79 min).

MEIA-NOITE Levarei Sua Alma, À. De José Mojica Marins. São Paulo: Cinemagia, 2008.

RITUAL dos Sádicos / Despertar da Besta. De José Mojica Marins. São Paulo: Cinemagia, 2008. 1 DVD (91 min).

VADIAS do Sexo Sangrento. De Peter Baiestorff. Palmitos: Canibal Filmes. 2005. 1 DVD (78 min)

## ANEXO

### Entrevista Exclusiva com José Mojica Marins, Outubro de 2008.

**Eu: Eu queria que você falasse um pouco sobre a temática religiosa, já que você começou com um filme sobre um terreiro de macumba, que é o "A Encruzilhada da Perdição e Feitiçaria". Pra você, o tema "religião" é importante?**

**Mojica:** É... eu acho que a formação católica minha foi muito grande, desde criança. E eu por ser criado dentro de um cinema, nos fundos, logo aos 3 anos meu pai foi tomar conta do cinema... Você com 3, 4 anos, não tinha televisão, nem computador. O cinema era enorme! Da onde eu era, o cinema cabia 1500 pessoas, a tela era enorme. Você vendo e tal... eu fui pegando aquilo, né. E aos 10 anos, no lugar de uma "bicicleta" que meu pai ia me dar, eu quis uma câmera. Foi quando eu peguei e fiz um curta, mas baseado... eu via muito falar na igreja de religião, de fim de mundo, e lia muita história em quadrinho. As "história" em quadrinho mostrava (provavelmente nomes de heróis, 1' 42") aquelas coisa toda. Aí eu fiz "Juízo Final", aonde acho que daí nasceria os tais dos "caixão", porque tipo, o que eu pus de disco era caixão voando. Os "caixão voava" e conforme eles "vinha" assim, eles mandavam a luz para baixo e a pessoa que era boa... desaparecia. Era como se fosse realmente para um outro mundo, e os "ruim" ficavam "parado", era num jantar, num pique-nique, num salão de baile. Os maus ficavam petrificados. E aí iam apodrecendo, virando vermes. Eu me lembro que meu pai ficou apavorado, porque eu ofereci um ingresso por cada quilo de vermes de goiaba. E a criançada saiu feito louca, então trouxeram sacas e sacas de vermes, né. E aí eu tive que fazer um negócio bem exagerado, um mundo de verme até desaparecer na terra, e aí eu criei pela primeira vez, descobri a fusão. Descobri que voltando o filme e filmando outra vez saía uma fusão. Então por isso que o pessoal dizia que eu tinha uma linguagem... eu nunca estudei, fui fazendo na prática o cinema. Eu achava aquilo muito legal, as fusões então... ficava aqueles vermes, se "transformava" numa grama, e dessa grama saía um grupo de garotos correndo, né. E aí como morava num cinema, eu fiz realmente o filme em 16 mm e o meu pai todo orgulhoso... filho único... meu pai foi toureiro, minha mãe cantora de tango... eram artistas, né. E ele se dava muito com o padre, então a primeira coisa que ele fez foi chamar o padre para ver o filme. Aí passaram realmente no projetor, 16 mm. Só que com o padre veio o "sancristã", coroinha, na época tinha "filhas de Maria", e o cinema lotou. Aí meu pai ainda pôs uma música sacra pra ver se fechava. E o padre ficou assim... porque eu tava mais ou menos condenado pela igreja. Porque ao fazer um ano antes, eu era... eu puxava o saco do meu pai, porque a igreja precisava sempre fazer aqueles espetáculos "beneficientes" aquela coisa toda, né. Então o padre me pôs pra dirigir uma peça infantil, uma versão de "Branca de Neve"<sup>1</sup>, e como a menina não gritava, eu fazia ela cair, e o caçador quando chegava perto ela tinha de gritar. Aí eu mesmo fiz o caçador, só que eu descobri que ela tinha medo de lagartixa, e peguei uma lagartixa no fundo do cinema, larguei numa caixa de fósforo e entrei em cena. Quando eu pus a lagartixa, ela abriu o berreiro e nossa... todo mundo aplaudindo! Só que aí "subiu" os pais, ela começou a gritar, mas não dava mais, aí ficou até mudo, ela começou a rasgar toda a roupa, aí os pais dela "subiu", foi aquela bronca, o padre e tal. E aí tava de mal assim, o padre me cortou de fazer qualquer coisa na igreja, tal. Aí eu quis fazer essa fita pra ver se sensibilizava o padre. Mas ele ficou assim quando terminou, tava seis cadeiras, se levantou, e eu fui todo assim, dando interpretação de inocente e falei "é agora... meus 15 minutos de fama". Aí ele me pôs a mão na cabeça, e eu falei "Deus do céu! O homem gostou demais." Mas aí ele voltou

---

<sup>1</sup> A peça foi "Chapeuzinho Vermelho", conforme o livro de Barciszki e Finotti.

pro meu pai e falou: "Seu Antônio, seu filho é um débil mental!" E aí começaria realmente, a fazer uma série de fitas... tudo feito por gostar, né. Eu via negócio de macumba, então achava legal; eu ia assim num velório, né.. que era "velado" uma pessoa, via todas aquelas pessoas, "aqueles enterros"... e comecei a gostar "pelo gênero". E muito cedo, vendo histórias em quadrinhos, tinha as revistas de terror, colecionava tudo. Gostava das fitas do Boris Karloff. Até ganhei ultimamente um anel da filha do Boris, que eu uso quando faço o Zé do Caixão. Conheci o filho de Bela Lugosi, o neto de Don Channey. Me senti realizado, né. As fitas que eu acompanhei né. E hoje eu tô até atrás lá em São Paulo para conseguir todas elas, as fitas né. Gosto. E acho que por aí começou o lado meu do terror.

**Eu: E aí mesmo você já falou de um ponto que vai seguir ao longo da carreira, que é jogar bichos nas mulheres.**

**Mojica:** Isso. Aí começou. Já começou com os vermes (risos)...

**Eu: A lagartixa, né...**

**Mojica:** Isso... a lagartixa foi o primeiro, depois os vermes, aí não parei mais. Foi escorpião, besouro, taturana, aranhas, ratos, sapos. Então, isso eu faço demais. E essa daí (referindo-se à "A Encarnação do Demônio") aliás eu pus até minha esposa porque ninguém tinha coragem de fazer, né. Aí ela tinha que mostrar realmente...

**EU: Foi depois daí que ela virou sua esposa?**

**Mojica:** Não, não. Ela já era minha esposa. Por isso que ela topou fazer (risos). Ela tá comigo aí (no Hotel).

**EU: Você tem essa separação do Bem e do Mal...**

**Mojica:** Tenho.

**Eu: Sim. E você fez realmente (o filme a que ele tinha se referido anteriormente) pra agradar.**

**Mojica:** Sempre. Mas sempre com uma mensagem, porque sempre o Zé do Caixão acaba ferrado.

**Eu: Exatamente. Só que no "Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver" ele acabou demais, né, que foi a censura da Ditadura.**

**Mojica:** Foi. É que o "Esta Noite" teve intervenção da censura né...

**Eu: Sim, eu sei. Foi o Augusto da Costa<sup>2</sup> que escreveu o final, né.**

**Mojica:** É... Esse cara me deu o final pra fazer, me obrigaram a pôr uma música religiosa, tal.

**Eu: Eu sempre soube que o Zé do Caixão se dava mal no final, mas no "Esta Noite" é absurdo.**

**Mojica:** Muito.

**Eu: Eu queria saber como era o final antes, que você criou.**

**Mojica:** O final realmente eu procurei no "A Encarnação do Demônio", eu consegui

---

<sup>2</sup> Capitão da seleção brasileira de futebol na Copa de 1950.

esse tal de “Reno”<sup>3</sup> nos Estados Unidos ele faz o Coffin Joe, ele faz o Zé do Caixão infame. Então todos os halloween ele se apresenta, tal. De repente eu vi a capa de um jornal, tava em... Piracicaba. Na capa vinha eu: Zé do Caixão não sei o quê. Falei: “Putaquepariu”. Exatamente eu aos 30 anos, mas não sabia que era o cara. Falei: “Porra, sou eu aos 30 anos, porra. Como é que eles conseguiram essas ‘foto’, tal. O cara fez as ‘pose toda’, né.” Aí eu começo a ver, sai revista com ele, tal. “Têm fotos até demais, né. Como é que esses caras...” Aí comecei a olhar bem a roupa. Era tudo igual. Só o medalhão que eu descobri que era diferente. Falei: “Não sou eu.” Aí comecei a procurar e descobri que ele era, é um americano. Veio fazer dublê nessa fita porque ele é parecidíssimo comigo, realmente, aos 30 anos. E ele fez um curta agora, que eu vejo, ele se inspirou no “A Meia-noite”, as ‘música’ do “Despertar”. Ele faz... é gozado, ele faz os curtas lá e ele fala português. Ele procura imitar justamente as palavras: “Boa noite, senhorita” tal.

**Eu: Sem dublagem, né?**

**Mojica:** Não, ele faz direto. Só as meninas você vê falando inglês, todos. Mas ele faz questão de falar... e mais do que nunca, agora que ele teve aqui, foi comigo no Serginho Groissman, né. Aprendeu a ‘sortar’ pragas, maldição... ele fez aí, fez um sucesso no Brasil. E veio agora pro lançamento da fita, tal. Tudo por conta própria. Ele mesmo se ofereceu de vir e a gente trouxe ele. Ele veio aqui, a despesa dele é toda nossa. Só não pagamos a viagem pra ele. E a única coisa que ele me pediu foi realmente uma unha original, né. E eu até agora não mandei.

**Eu: Não?**

**Mojica:** Não, mas vou mandar. É que eu não tenho tempo. Tô viajando demais... saio de um evento, vou pra outro, então não tenho tempo. Mas eu parando vou pegar uma das unhas e mandar pra ele.

**Eu: O “Geração Maldita”, que era o filme que você ia gravar antes de ter o pesadelo do Zé do Caixão, você já estava determinado a chocar um pouco o público.**

**Mojica:** Já era. Já era um filme... O “Geração Maldita” foi muito forte.

**Eu: Você acha que o Zé do Caixão chegou e você, já tava com uma idéia de chocar e você resolveu: “Vou botar tudo em um personagem só”? O Mal.**

**Mojica:** É. Eu tava... “Geração Maldita” realmente era a mudança dos jovens que ‘estava’ realmente atravessando uma outra fase que veio com “Juventude Transviada”, né. Aí a juventude pegando um outro caminho. Aí eu via “Geração Maldita” assim, como algo que ia surpreender aqui no Brasil. Eu juntava realmente os ‘mauricinho’ como a gente chama, lá da Rua Augusta, né, os filhinhos de papai, delegado, político, então, em... em briga com marginais. Então era um conflito legal, pegar os caras de favela com os mauricinhos do centro. Essa era a idéia, tal, mas daí veio esse pesadelo, tava tudo programado pra começar o outro, mas eu falei: “Não! Eu vou seguir...”. Eu realmente vi aquilo como um aviso, né. Era o que eu gostava... de terror. Não queria saber de, de repente, a Igreja me condenava, porque realmente a fita na época foi forte demais, pô! Pra sexta-feira, naquela época, falar em comer carne era o fim do mundo! Você era considerado o diabo. Basta dizer que eu fiz e sofri! Eu, quando a fita lançou, não podia sair na rua, que eu sempre gostei do preto, saía... Nossa! O pessoal se benzia...

---

<sup>3</sup> Raymond Castille, sócia de Zé do Caixão nos Estados Unidos, conhecido como “Coffin Ray”. A semelhança é com o Zé do Caixão de 40 anos atrás.

aí eu precisei trazer, realmente, na época, um guarda-costa, tudo, porque eu andava com as ‘unha comprida’ mesmo. Eu só cortei agora depois do “Encarnação”, mas sempre andei com as ‘unha comprida’. E cortei porque tava atrofiando a mão, e a liberdade de você ter as mãos livres é muito bom.

**Eu: Zé... Mojica... Eu queria saber sobre a cartola e a capa preta. Eu li no livro (a Biografia “Maldito”) que você fala que é influência do Drácula, e a cartola é de uma marca de cigarros, se eu não me engano.**

**Mojica:** Tinha... cigarros "Clássico"

**Eu: E não tem uma...**

**Mojica:**... que vinha uma cartola... e eu fumava esse cigarro. Vendo a cartola e... o pessoal pegava meu estúdio e eu não sabia lá que o zelador era... era meio macumbeiro né.

**Eu: É. Exatamente. Só pra completar a pergunta: não tem nem uma ponta de um Exu nessa cartola e na capa preta? O Exu, brasileiro, já que você sempre mexeu muito com esse negócio...**

**Mojica:** É... a capa, na verdade, eu peguei a primeira capa original. É, eu peguei a capa realmente, com um cara de Exu. O cara que praticou negócio de macumba lá de Exu. Esqueceram lá (telefone tocou).

**Eu: Só para voltar à pergunta, você estava falando da capa preta...**

**Mojica:** É... a capa preta, eu procurei saber com o pessoal que eu tinha alugado o estúdio que hoje é o Metrô Santa Cecília. Na época ele era da Organização Vitor Costa (que depois se tornou a Globo), aí eu aluguei aquilo para fazer “A Meia-Noite Levarei Sua Alma”, e de repente... eu não sabia que os ‘cara’ a noite praticavam negócio de macumba, esse negócio todo. E esqueceram essa capa. Aí eu pego essa capa... eu já tava com o personagem, só que não sabia, já tinha sonhado, mas não sabia que roupa, eu só via ele preto, como tô agora aqui, né? Até pus o pijama preto, que eu sentia né... mais ou menos o que eu vi no sonho, né. Eu fiz uma... essa manta toda de preto, na época o pessoal achou estranho demais. Aí com aquela capa falei: “Pô. Com o maço de cigarro... tá feito, né.” Aí a única coisa falei: o medalhão né. Eu fiz lá os símbolos. Depois eu passei pra “Fênix”, que renasce das cinzas; eu uso um medalhão que simboliza os quatro poderes, que ‘é’: os olhos de Rasputin, que ‘é’ os olhos, né. Aí eu venho com o Buda, que era o poder realmente da mente. Eu venho com Cristo (tudo no medalhão, quatro poderes, né), que é representado com as mãos, ele curava, então tem uma energia fantástica nas mãos. E Hitler (o qual pronuncia Ítler), que quase ganha o mundo pela voz, né. Falando com o povo, tal, né. Então são pra mim considerados os quatro poderes. Então, dessa.... daí nasceram então a capa, depois eu fui aperfeiçoando mais...

**Eu: Inclusive, no “Encarnação do Demônio”, a capa vem com um desenho que é um símbolo da umbanda, não é? (O tridente de Exu).**

**Mojica:** É! Eu ponho a cruz e o tridente de cabeça pra baixo. Aí eu ponho assim nas ‘costa’ ... quer dizer, na verdade não é costurado na capa, é um negócio que eu mandei fazer né. Quem me fez foi “Arthur Vi”, que a capa também, né. Fez todos os ‘traje’ da fita, meu e das ‘menina’. E aí eu achei que o símbolo é esse. Realmente é o símbolo, né. Eu tenho livros lançados no passado, crônicas de terror, sempre levando esse símbolo da coisa, então eu usei isso na capa.



**Eu: E queria saber outra coisa. O Zé do Caixão, ele é bem mulherengo. E o Mojica, no início da carreira, também é, né?**

**Mojica:** Eu fui considerado um grande mulherengo. Fui casado várias vezes, tenho sete filhos. Tive 4 esposas, algumas tiveram filhos, outras não.

**Eu: E a busca do Zé do Caixão por um filho, tinha alguma coisa a ver com a sua busca, Mojica, por um filho?**

**Mojica:** Não. Não porque quando eu fiz "À Meia-Noite" eu já tinha um filho. Então a partir que eu já tinha filho, não tinha nada a ver. Era realmente um problema dele, da continuidade do sangue, que é onde eu cheguei à conclusão que é através de filhos, neto, né? Eu hoje tenho filha que segue meu caminho, que faz a vampira, Liz Vamp. Tenho neto que já tem tendência artística. Tenho vários... 11 netos! Duas meninas e o resto tudo homem. Mas eu tenho neto que já dá pra ser... dá pra ter bisneto. Mas eu achei a filosofia do sangue uma coisa fantástica. Ninguém mais do que o próprio filho para conseguir... a sua luta, né. Mas eu não forço nenhum filho... quem não gostou, saiu... eu tenho filha que faz biologia, outra trabalha com roqueiros, outro foi quase reitor de faculdade, o advogado da família, um cara inteligentíssimo, professor, tal. Cada um seguindo seu caminho... outra trabalha com marketing. Cada uma faz o que quer... outro gosta de ficar fazendo invenções tipo Professor Pardal. E cada um seguiu pra um canto, eu não decidi em nada... eu fiz como meu pai. Meu pai me deixou livre. Eu quis seguir isso. Não era esse o caminho que eles 'queria'. Mas quando ele viu que eu quis só isso também, não se interpôs, o que era muita coisa.

**Eu: E sobre a mistura do personagem com o criador: José Mojica e Zé do Caixão. Aqui no Brasil foi um dos primeiros, ou o primeiro. Mais tarde teve o Didi e o Renato Aragão, mas acho que você foi o primeiro aqui a misturar personagem e criador, porque as pessoas vêem você como o Zé do Caixão.**

**Mojica:** É... eu acho que não tem muito a ver. Essas pessoas aí... com as unhas cortadas e tudo... Quando eu andava com as unhas, tudo bem, o cara: "Ô Zé do Caixão!" e tal. Mas a partir que eu cortei, eu achei que... não. O pessoal ainda me vê aí: "É o Zé do Caixão". E aí eu descobri que possivelmente é mais pela voz. A voz passou a ficar muito mais marcante, eu não sabia. Mas nas muitas entrevistas que eu venho dando, as pessoas batem nisso, que a voz ficou marcada... pego no telefone, e o pessoal diz: "é ele mesmo!" As pessoas costumam achar que a pessoa está enganando, mas quando eu pego no telefone, eles 'sabe' eu dou entrevista, a pessoa acredita, porque a minha voz, ela realmente é um grave meio fanhoso, diferente, então as pessoas... marca.

**Eu: Queria até pegar outro ponto agora, que você é conhecido no cinema muito mais como *Coffin Joe*, lá fora, infelizmente, do que no Brasil como Zé do Caixão.**

**Mojica:** Não só lá como na América Latina toda.

**Eu: Aqui você foi mais conhecido como o personagem que ia nos programas de TV. E tanto que você falou, a voz é conhecida, porque o cinema antes era dublado.**

**Mojica:** Isso.

**Eu: O que você acha disso, do Zé do Caixão um personagem muito mais brasileiro, fazer tanto sucesso lá fora, e não tanto no cinema aqui no Brasil, que tem aquele negócio do terror brasileiro.**

**Mojica:** Acho que exatamente por eu levar um cinema nosso, tupiniquim, levar realmente o nosso terror, sem imitar os americanos, os europeus, não tem imitação

nenhuma, e mostra que é Brasil mesmo, é daqui. A partir que eu exploro muito a macumba, essa coisa toda, então as pessoas ‘vê’ que é coisa nossa, e eles gostam disso, sempre me falam: “Mas todo mundo, cês tem lá... os maiores misticismos estão lá... as matas ‘fantástica’ do Amazônia e as nossas ‘praia’, e as nossa mulheres são as mais lindas do mundo!” Cada vez que eu encontro uma no exterior e falo “aquela!” Quando eu vou conversar com ela, eu acho que é diferente, mas é brasileira que ganhou bolsa e tá lá fora. Então as mulheres mais lindas são daqui.

**Eu: Mojica, eu queria falar agora sobre a época que você foi massacrado na Ditadura, quando Zé do Caixão não podia fazer aparição direta em filmes, e você passou a fazer curtas...**

**Mojica:** E a escola de Arte dramática que eu comecei em 49 no Sinai, né. Fazendo realmente, ensinando cinema, arte dramática da maneira que eu aprendi, né. Por isso que não adianta ninguém me copiar porque minha linguagem é única, né. Os próprios americanos ‘diz’ que é uma linguagem *cult*. Eu tive lá nos Estados Unidos agora, um cara falou se eu podia... me trouxe um papel pra ‘mim’ assinar, porque ele ia tentar fazer: “Eu vou fazer a sua linguagem, mas eu queria a sua autorização”. Fez um filme lá, bom e tal. Mas.. São Francisco, não tem nada a ver! Já teve assistente, quando eu fiz “Exorcismo Negro”. A Cinedisc pôs o Adriano Stuart, pra ser meu assistente, pra aprender de que maneira eu faço. O Adriano com dez dias trabalhando comigo, falou: “Olha, não dá. O homem faz de um jeito que a gente nem sabe como é que ele consegue montar. É completamente estranho: ele tá aqui, tá num close, daqui a pouco ele tá fazendo uma cena que não tem nada a ver com essa. E depois sai ... Não dá!” E acabou trabalhando aí, no... com a morte do Jece, a gente teve que trazer ele pra “Encarnação”, né. E aí ele tornou a falar: “Oh... não tem jeito. Pessoal pode ficar com você grudado, mas não aprende a maneira como você faz. Quando você morrer, você vai com a sua linguagem pro cemitério.”

**Eu: Queria que você falasse então sobre a sua vontade de chocar. Quando você não pôde mais fazer filmes com o Zé do Caixão, acho que deu uma frustração... mas pelo que consta no livro (“Maldito”), você fez o primeiro filme de zoofilia hardcore do Brasil.**

**Mojica:** Eu usei pela primeira vez um pastor alemão, que o dono do cachorro... eu vi e falei... o cara falou: “Olha, tenho X em dinheiro. Eu preciso de uma fita que dê todo o dinheiro que possa...” e esse era um amigo meu, “e aí eu faço a ‘Encarnação do Demônio’. Se a fita estourar, eu faço a ‘Encarnação do Demônio’”. Bom, eu fiquei todo, né... bom, tenho que fazer um filme que desse o dinheiro pra mim, eu só tava sonhando com o “Encarnação”. Então foi quando, ao mesmo tempo que ele tava falando comigo, ele tava com um português que tinha um cachorro. Aí eu acabei pegando, era muito amigo do dono do “Notícia Popular”. Eu sabia que se fosse falar com o produtor, ele não ia usar o cachorro, mas eu mandei os ‘cara fotografar’ o cachorro e saí: “O cão não sei o que, pela primeira vez no cinema, vai explodir...” Porra aí o produtor já veio me procurar, mas eu era um ídolo. Era como o dono do “Notícia”... que ele nasceu no dia 15 de outubro de 63, no dia que nascia o Zé do Caixão, que eu faria o primeiro programa de televisão com o Valter Foster, o homem que deu o primeiro beijo na televisão, e nascia o “Notícia Popular” junto comigo, né. E aí ‘se’ tornamos assim, como dois irmãos, né, direto... pra mim foi muito chato quando acabou o “Notícia”, né... as ‘unha sangrenta’, que era um jornal que era só espremer que saía sangue, né. E aí eu acho que o meu negócio de chocar sempre me fascinou e eu sempre falei que é o meu sucesso. Isso mesmo nas fitas que não têm Zé do Caixão, eu sempre ponho coisas

diferentes, e aí, quando era pra fazer uma fita pornográfica eu... já pus anúncio pedindo as ‘muié mais feia’ do Brasil que fazia pornografia; pus o cachorro, que o cara dizia que não, mas quando eu pus o cachorro... que eu pus a mulher pelada, foi só ‘sortar’ o cachorro e o cachorro fez tudo. E aí não deu outra: a gente ia fazer a continuação com o cachorro, todo mundo caindo em cima, mas o português envenenou o cachorro... porque ele chegou à conclusão que o cachorro fazer aquilo, é porque era viciado. Então, a mulher tinha culpa no cartório... e matou o cachorro.

**Eu: E a mulher?**

**Mojica:** Sei lá o que aconteceu com a mulher... Ele ficava assim olhando: “Não é possível! Meu cachorro não pode fazer isso...” Mas tava fazendo. Eu falei: “olha, não precisa nem treinar! Vai trocando aí chassis um atrás do outro e deixa o cachorro.” O cachorro já entrou nas ‘preliminar’... saiu fazendo tudo! E foi o maior estouro de bilheteria, mesmo eu tendo as ‘mulher’ mais feias, estranhas, explodiu mesmo! Aí o cara ganhou, e aí falou: “Não, eu vou fazer...” e aí começou a querer fazer filme de sexo, aí acabou. Tudo o que ele ganhou, acabou perdendo tudo. Que saiu daquela novidade, né, passou a ser coisa... cismou de querer dirigir, aí dançou. Tem hora que ele vem... eu faço uma homenagem no “Encarnação” pra ele, mas tá... arrasado. Só vive da aposentadoria, R\$ 450,00 por mês... Aí vem sempre em casa, e eu sempre dou um troquinho pra ele.

**Eu: Então, queria saber um pouco sobre o Zé do Caixão na TV, agora. Você primeiro apareceu como jurado nos programas, né...**

**Mojica:** Fui jurado...

**Eu: ... e foi aí que você ficou conhecido do grande público brasileiro... e fez também o Cine Trash, na Bandeirantes.**

**Mojica:** Fui jurado, mas (quanto ao Cine Trash), antes eu tinha feito “Além, muito além do Além”, com histórias que ‘chocava’; depois fui pra Tupi, fazer... depois vim pra Record, fazer “O Show do Outro Mundo”, mostrando histórias, e júris polêmicos, como... tem esse padre aí que é muito polêmico...

**Eu: Padre Quevedo.**

**Mojica:** O Quevedo, eu pus o Quevedo misturado com padre, pastor de júri, então dava aquela polêmica danada.

**Eu: Os freakshows que você armava lá no galpão mesmo.**

**Mojica:** Eu tive muita coisa assim... Sou muito chamado em faculdade pra palestra, né. Aí eu tô no Brasil todo dando palestra, né, e mantenho a minha escolinha. Em São Paulo, continuo com a escolinha.

**Eu: Eu queria saber... entre os programas, assim, o Cine Trash tinha um pouco a ver... muito a ver com filmes de terror, só que mais internacionais... e depois você aparece no Canal Brasil com um programa de entrevistas. Qual você acha que cabe mais ali, pro Zé do Caixão?**

**Mojica:** O Cine Trash, na realidade, ele tinha força pelas minhas ‘praga’ que se tornaram famosas, né. Então o pessoal gostava muito das ‘praga’, era a força realmente do programa, e ganhei muitos fãs com o Cine Trash. E as ‘fita’ que era considerada *trash* mesmo, a gente passava pouco. Eu só não punha as minhas fitas! Aí eu fiz o “Cine Cult”, na madrugada, tal. E eu acho que vai... peguei um grande público infantil, que me

segue até agora... e depois eu fui fazer Playcenter, as “‘Noite’ de Terror” do Playcenter, quem montou fui eu, né. Aí começou aquele público... também já vinha aquele público infantil do Playcenter me seguindo, né. Então acho que Playcenter e os ‘filme’ *trash* me ‘deu’ essa cobertura de crianças fantástica, que a audiência era muito grande, perturbou na época a Globo. De repente me tiraram, o juizado entrou, querendo que o programa fosse pra madrugada! Por isso que parou... Era às 3 e 15. Eles não acreditavam, aí começou a dar aquela coisa toda, aquela audiência fantástica. Diz que não tinha censura, mas entrou o juizado pra dizer que não podia... e eu queria explicar que havia sempre uma mensagem, o mal sempre perdia nas fitas, né... que era escolhida por causa da mensagem legal... mas não quiseram saber. Mas depois que eu saí continuou passando fita de terror, passando na Record, passa na Bandeirantes, de dia e ninguém fala nada... Então era perseguição mesmo! Agora, você tá querendo fazer uma comparação dos programas...

**Eu: Não, antes deixa só eu pegar um gancho com o que você falou aí. Nos filmes, você acha importante que os filmes mostrem o lado do mal, como você faz com o Zé do Caixão, que é a personificação do Mal, que não tem moral nenhuma, mas com o final... você acha importante o final ser... sempre retomando pro Bem?**

**Mojica:** Eu acho! Eu acho porque... é o que eu falei, eu influencio muito as crianças. Então eu tenho que trazer essa mensagem, bater nisso. Então sempre, através tanto ‘das televisões’, o que eu fazia, não digo hoje porque eu tenho essa obrigação no programa da meia-noite, né, que vai no Canal Brasil; mas todos eles, sempre ‘termina’ com a mensagem pra criança, positiva.

**Eu: Você acha que é importante dar essa mensagem positiva exatamente pela influência que você tem nas pessoas?**

**Mojica:** Eu acho, eu acho que tem, porque senão... começa uma imitação... e criança, sabe como é que é, começa a ir... e se elas ‘ver’ o castigo que ele sofre, eu sempre ponho realmente bem absurdo a maneira de ele sofrer. Essa aqui, né (referindo-se a “A Encarnação do Demônio”), o cara é esfaqueado, né, é muito forte...

**Eu: É, só que um detalhe... dá a entender que ele sobrevive, ele volta...**

**Mojica:** Mas se você ficar pensando, eu deixei um gancho. Que você sai, ele deitado, ele morrendo, com a mulher lá; mas aí você já passa para elas indo na sepultura dele. Aí o gancho é: será que é ele que tá lá? Será que naquele dia do Playcenter, a moça não insistiu e não conseguiu levar ele para um médico, pra alguma coisa e ele não sobreviveu? E de repente pode ser um indigente que tá lá, enterrado... Isso aí a gente... já deixei o gancho... que há uma previsão de se fazer “Sete Ventres para Um Demônio”, que é uma continuação...

**Eu: Aí sai da trilogia para uma quadrilogia!**

**Mojica:** É, aí seria uma quadrilogia, mas pelo sucesso que a fita fez, pela crítica... Foi a primeira vez na minha vida que eu ganhei um prêmio da crítica. Sempre me desceram o pau! Ninguém falou mal! Foram mais de duzentas e tantas reportagens de revista, jornal, televisão... todo mundo falando bem! Nunca tive isso na vida... Sempre de um lado e do outro e puxavam a corda. Essa não, ficou legal, ganhei vários prêmios no exterior, devo ganhar na Argentina, tô concorrendo agora em março, com o “Encarnação”. Devo sair com alguma coisa de lá. Se não for o primeiro lugar... na Espanha eu ganhei, foi o primeiro, né, de fita de terror, considerado o maior filme de terror o mundo! A Itália fez homenagem, Portugal, a Grécia... eu acho que ela tá

satisfazendo lá fora , muito! Falta chegar nos ‘americano’, quando chegar nos ‘americano’ ... porque eles realmente divulgam mesmo.

**Eu: E agora vamos voltar lá, no Canal Brasil, onde o Zé do Caixão agora apresenta um programa de Talk Show.**

**Mojica:** Então, não apresento, mas... ontem foi última entrevista, com o Zé Ramalho... fizemos só aqui no Rio 23 entrevistas, agora vamos fazer só as ‘reportagem externa’, né. Eu já quero deixar tudo gravado, até o fim do mês, já o ano todo, pra poder ficar à disposição, poder viajar com o “Encarnação”, e poder atender uma série de pedidos... pensar na continuação... se não for a continuação, vai ser outra de terror. No momento eu tenho o “Devorador de Olhos”, eu acho, personagem novo, mas a fita é muito violenta! Tem cenas do cara arrancar o olho da mulher com saca-rolhas! Ele precisa do líquido dos olhos pra poder sobreviver; ele pega uma doença no Amazonas, e quando dá aquela dor, ele tem que sair atrás... e só serve olhos de mulher! Então é uma fita que vai ter muita mulher.

**Eu: E vai ter muita maldade...**

**Mojica:** Muita, muita mesmo! Ele é um sádico mesmo!

**Eu: Ah sim... além de sobreviver, ainda gosta da mulher sofrendo...**

**Mojica:** Gosta, gosta! Dos ‘líquido’, e ele mantém um conservatório de cegos. Ele é muito rico, e ninguém sabe que o cara dono do conservatório é o devorador de olhos.

**Eu: Podemos esperar um final que castigue esse vilão?**

**Mojica:** Muito forte! O final é muito forte! Basta dizer que a única coisa que ele respeita é criança. E a dor dele vai começar exatamente quando ele tá com uma menina de oito anos e ele precisa dos olhos, não pode esperar. Aí vai ter um final eletrizante, muito grande. Entre gostar e entre os olhos dele inchar e explodir.

**Eu: Muito obrigado, Mojica. Acho que tirei todas as dúvidas. Obrigado mesmo!**